



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA-UFPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CE  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JANAÍNA SILVA DE MEDEIROS

**A EDUCAÇÃO COMO RESSOCIALIZAÇÃO DE MENINOS DE RUA:** Das Ruas  
e Praças para o sítio e a escola

**JOÃO PESSOA-PB**  
**2012**

JANAÍNA SILVA DE MEDEIROS

**A EDUCAÇÃO COMO RESSOCIALIZAÇÃO DE MENINOS DE RUA:** Das Ruas  
e Praças para o sítio e a escola

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao componente curricular Estágio Supervisionado V, ministrado pela Profa. Laura Maria de Farias Brito, no Curso de Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado/a em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia de Almeida Pimenta

**JOÃO PESSOA-PB**

**2012**

M488e Medeiros, Janaína Silva de.

A educação como ressocialização de meninos de rua: das ruas e praças para o sítio e a escola / Janaína Silva de Medeiros. – João Pessoa: UFPB, 2012.  
79f.

Orientador: Sônia de Almeida Pimenta  
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação social. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Situação de risco. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37 (043.2)

JANAÍNA SILVA DE MEDEIROS

**A EDUCAÇÃO COMO RESSOCIALIZAÇÃO DE MENINOS DE RUA:** Das Ruas  
e Praças para o sítio e a escola

APROVADO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Sônia de Almeida Pimenta  
(Orientadora)

---

Profa. Ms. Laura Maria de Farias Brito  
(Professora do Componente Curricular Estágio Supervisionado V)

---

Profa. Dra. Ana Paula Romão de S. Ferreira  
(Professora Examinadora)

**JOÃO PESSOA-PB**

**2012**

*As crianças e adolescentes em situação de risco que lutam cotidianamente por igualdade social, dedico este trabalho.*

## *AGRADECIMENTOS*

*DEUS, muito obrigada por me conceder o privilégio de está realizando um sonho. Sonho este, que aos meus olhos parecia impossível. Obrigada pelo dom da vida, pelas pessoas que me rodeiam, por sempre ter me dado coragem e forças para lutar contra os desafios que surgiram em todo esse tempo;*

*A toda minha família, principalmente aos meus pais, meus irmãos e minhas irmãs, que me apoiaram e me incentivaram. Obrigada pela compreensão, por ter passado a maior parte do tempo durante o meu Curso na Universidade do que na minha própria casa. Desculpa pela ausência;*

*A você Profa. Sônia de Almeida Pimenta, que me acolheu de braços abertos, sempre a disposição para me ajudar. Sou privilegiada em tê-la como minha orientadora. Todo esse tempo que passamos juntas, criamos uma relação de afeto, confiança e companheirismo. Sempre procurou me fazer ver o mundo como ele realmente é, a enfrentar os desafios que sempre virão. Te admiro muito como pessoa e como profissional. Você sempre terá um lugar especial em meu coração. Serei eternamente grata a você por tudo;*

*À Profa. Ana Paula Romão pelo carinho que tem por mim. Por sempre depositar confiança no meu trabalho nos Projetos que desenvolvemos juntas. Sempre esteve disponível quando eu precisava de ajuda. Sou muito grata a você;*

*À Profa. Laura Maria de Farias Brito, professora de Estágio Supervisionado V, que com seu jeitinho calmo e meigo, conquistou toda a turma, gerando, entre nós alunos, um imenso carinho e admiração por você;*

*À Profa. Maria das Graças de Almeida Baptista que me permitiu ser sua aprendiz em seu primeiro Projeto de Pesquisa desenvolvido nesta Universidade e possibilitou a minha primeira experiência com Projetos de Pesquisa, o qual abriu meus horizontes e me fez crescer como pessoa, como aluna e como futura profissional;*

*A todos (as) professores (as) que lecionaram em minha turma. Sempre com a preocupação de que sejamos bons profissionais da educação. Todos os professores marcam a vida do aluno com suas atitudes. Se o educador tem atitudes boas com o aluno, este marca para o bem, mas se tem atitudes más, este marca para o mal. Mas todos deixam suas marcas;*

*A todos com os quais trabalhamos juntos em Projetos, aprendendo uns com os outros. Especialmente ao grupo de estudos da Profa. Maria das Graças, que desde 2009 trabalhamos juntos adquirindo conhecimentos;*

*A toda minha turma, pioneira do currículo novo, que por 04 anos e 06 meses passamos juntos enfrentando os desafios de um Projeto Político Pedagógico ainda duvidoso quanto à sua efetividade. Somos vitoriosos por concluir essa etapa com êxito.*

*Aos educadores do Centro Educacional Vida Nova, onde desde a primeira visita fui muito bem recebida por todos. Que demonstraram disposição para me ajudar com informações a respeito da instituição e dos adolescentes assistidos. A Nilda, cozinheira do CEVN, muito simpática e amável;*

*A todas as crianças e adolescentes assistidas pelo CEVN que me receberam de braços abertos, deixando transparecer um carinho enorme por mim. Agradeço especialmente aos sujeitos desta pesquisa (Rodrigo, Tomaz e Vitória) que me permitiram invadir suas vidas, enchendo-lhes de perguntas. Sejam fortes, sonhem e tenham fé que os sonhos podem tornar-se realidade. Vou sempre admirar vocês;*

*À diretora, às funcionárias e a turma do 3º ano da escola Municipal José Maria Bandeira que me receberam e me aceitaram de forma espontânea. À professora do 3º ano que se disponibilizou a conceder entrevista para a coleta de dados desta pesquisa;*

*A você Marilene, que com sua paciência me ensinou que a pressa é inimiga da perfeição. Obrigada por me aturar todo esse tempo, por sempre me mostrar que a verdadeira amizade é aquela que consegue ver os defeitos do outro e mesmo assim continua firme e forte, se isso não acontece, a amizade não é verdadeira. Bons e inesquecíveis momentos passamos juntas na Universidade, momentos de alegrias, gargalhadas, desabafos, entre outros. Não tenho dúvidas que, entre nós, está surgindo apenas o começo de uma grande, bela e verdadeira amizade;*

*A vocês Rosimary e Bruna (minhas irmãs), que na maior parte da intervenção no CEVN me acompanharam e me ajudaram nas aulas de reforço. Obrigada pela companhia de vocês;*

*A Marcília, Francisdalva, Marileide, Larissa, Juliana, Carol, Ailma, Alda, Rachell, Cleidenice, Josuel, Natana, Nara, Cristiane, Joquebéde, Alex, enfim, a todos que direta ou indiretamente torceram por mim.*

### *CONQUISTANDO O IMPOSSÍVEL*

*Acredite é hora de vencer, essa força vem de dentro de você.  
Você pode até tocar o céu se crer.*

*Acredite que nenhum de nós, já nasceu com jeito pra super-  
herói.  
Nossos sonhos a gente é quem constrói.*

*É vencendo os limites, escalando as fortalezas, conquistando  
o impossível  
Pela fé.*

*Campeão, vencedor, Deus dá asas, faz teu voo.  
Campeão, vencedor, essa fé que te faz imbatível, te mostra o  
teu valor.*

*Tantos recordes você pode quebrar,  
As barreiras você pode ultrapassar e vencer*

*(Jamily)*



Medeiros, Janaína Silva de. A EDUCAÇÃO COMO RESSOCIALIZAÇÃO DE MENINOS DE RUA: Das Ruas e Praças para o sítio e a escola. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientadora: Profa. Dra. Sonia de Almeida Pimenta. Licenciatura em Pedagogia. Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba. UFPB, 2012

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no Centro Educacional Vida Nova (CEVN), localizado no Assentamento Capim de Cheiro, no Município de Caaporã/PB, instituição que abriga crianças e adolescentes em situação de risco. Objetiva-se analisar o Processo de Ensino e Aprendizagem destas crianças e adolescentes assistidas por esta instituição. Além do CEVN, a Escola Municipal José Maria Bandeira, instituição onde os pesquisados estudam, também fez parte do nosso campo de pesquisa. Para tanto, elege-se como percurso metodológico nas duas instituições a observação participante, intervenção e entrevista semi-estruturada, além da revisão bibliográfica. Para discutir a temática abordada, no percurso teórico, foi utilizado como principais referências: Brandão (1980, 2006); Faleiros e Faleiros (2008); Freire (1997, 2002); Gadotti (2009); Graciane (2009); Grupo Ruas e Praças (1998); Petrus (2003); Tenório (2006); Zabala (1998), entre outros. Neste sentido, foi possível observar nos relatos dos educadores do CEVN, da professora e dos entrevistados, que apesar da instituição escolar ainda não se encontrar preparada para receber sujeitos oriundos das ruas, é a ação do docente que efetivamente propõe meios de inseri-los nas atividades de modo a superar preconceitos. No entanto, o fato de a escola ainda não se encontrar preparada para receber alunos em situação de risco, o Processo de Ensino e Aprendizagem é dificultado.

**Palavras-chaves:** Educação Social. Ensino e Aprendizagem. Crianças, adolescentes e situação de risco.

Medeiros, Janaína Silva de. A EDUCAÇÃO COMO RESSOCIALIZAÇÃO DE MENINOS DE RUA: Das Ruas e Praças para o sítio e a escola. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientadora: Profa. Dra. Sonia de Almeida Pimenta. Licenciatura em Pedagogia. Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba. UFPB, 2012

### ABSTRACT

This work is the result of a research conducted in the New Life Education Center (CEVN), located in the settlement of Capim de Cheiro in the city of Caaporã / PB, an institution that houses children and adolescents at social risk. The objective is to analyze the process of teaching and learning of these children and adolescents assisted by this institution. Besides CEVN, the Municipal School Jose Maria Bandeira, institution where study respondents, was also part of our research field. To do so, elect as methodological approach in the two institutions to participant observation, intervention and semi-structured interview, in addition to the literature review. To discuss the theme discussed in the theoretical course, was used as the main references: Brandão (1980, 2006); Faleiros and Faleiros (2008), Freire (1997, 2002); Gadotti (2009); Graciane (2009), Group and Streets squares (1998), Petrus (2003), Tenorio (2006); Zabala (1998), among others. In this sense, it was observed in the accounts of the Cevn educators, the teacher and interviewees, that although the school is not yet prepared to receive subject from the streets, is the action of the teacher who actually proposes ways to insert them into activities in order to overcome prejudices. However, the fact that the school is not yet prepared to receive students at risk, the Process of Teaching and Learning is hindered.

Keywords: Social Education. Teaching and Learning. Children e adolescents and risk.

**LISTA DE SIGLAS**

AIDS	Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida
CEVN	Centro Educacional Vida Nova
CASA	Centro de Atendimento Sócio educativo ao Adolescente
CPT	Comissão Pastoral da Terra
FEBEM	Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor
GRP	Grupo Ruas e Praças
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LBA	Legião Brasileira de Assistência
MNMMR	Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Ruas
ONG	Organização Não Governamental
STRC	Sindicados dos Trabalhadores Rurais de Caaporã

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Fig. 1** Dormitório Masculino
- Fig. 2** Dormitório Feminino
- Fig. 3** Casa do Processo de dois e Três dias
- Fig. 4** Escola Municipal Maria José Bandeira
- Fig. 5** Assistidos pelo CEVN na aula de reforço
- Fig. 6** Assistidos pelo CEVN na aula de reforço

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2- O CAMPO DA PESQUISA.....</b>	<b>19</b>
2.1 Breve Histórico das ONG.....	19
2.2 Município de Caaporã .....	21
2.3 Assentamento Capim de Cheiro.....	21
2.4 ONG Ruas e Praças.....	22
2.4.1 Propostas Pedagógicas da ONG Ruas e Praças.....	23
2.4.2 Quem são os Educadores da ONG Ruas e Praças?.....	26
2.4.3 Infraestrutura da ONG Ruas e Praças .....	27
2.4.4 Caracterização dos Programas.....	28
2.4.5 Centro Educacional Vida Nova.....	29
2.5 Escola que os assistidos pelo CEVN estudam.....	32
<b>3- EDUCAÇÃO E SUA PRÁTICA NAS RUAS: o caso dos educadores Sociais de Rua.....</b>	<b>34</b>
3.1 Conceituando Educação.....	34
3.2 Pedagogia Social.....	35
3.3 Cotidiano dos Educadores Sociais de Ruas.....	37
3.4 Educação Popular.....	44
<b>4- AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL.....</b>	<b>46</b>
4.1 As Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social: o contexto.....	46
4.2 Narrativas sobre os sujeitos desta pesquisa: .....	50
<b>5- PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: a visão dos sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>60</b>
5.1 PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: a questão escolar de menores assistidos.....	60
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>78</b>

## 1- INTRODUÇÃO

Quando comecei a pensar no objeto de estudo da minha monografia, logo me veio à mente a comunidade onde moro. Queria estudar algo que estivesse perto de mim, de forma a levar o que está se estudando para repensar alguns aspectos juntamente com eles. Não tive dúvidas, logo pensei no Centro Educacional Vida Nova, Instituição que abriga crianças e adolescentes em situação de risco social, localizada no Assentamento Capim de Cheiro<sup>1</sup>, Caaporã/PB. Era o conjunto completo que eu estava procurando, por dois motivos principais. Primeiro, porque as questões sociais mobilizam minha ação; e segundo porque esta instituição está localizada no assentamento onde moro. Houve outras motivações, as quais passo a descrever:

Embora morando no mesmo lugar onde a instituição encontra-se localizada, não havia tido oportunidade de conhecer o Programa antes da realização deste trabalho. Do pouco que conhecia, admirava muito os trabalhos que os educadores realizavam com as crianças e adolescentes em situação de risco social.

É revoltante saber que existem muitas crianças e adolescentes que vivem nas ruas, prostituindo-se, drogando-se, roubando, sem ter uma alimentação digna e/ou estudos, lugar tranquilo para dormir. São seres humanos que necessitam de ajuda e de muita atenção. São crianças e adolescentes que abandonaram suas casas, suas famílias, por algum motivo, na maioria das vezes, por violência doméstica e/ou sexual.

A desestruturação familiar como causa da situação de rua de crianças e adolescentes foi outro fato que me motivou a realizar esta pesquisa, pois sabemos que, os fatores políticos, econômicos e sociais, estão cada vez mais gerando a desigualdade social. Os pobres cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos. Portanto, as consequências desta má distribuição de renda formam um círculo vicioso. São crianças e adolescentes que não têm uma família estruturada para tomarem como referência.

Os sujeitos dessa pesquisa são crianças e adolescentes que vivem em situação de risco social, que por diversos motivos abandonaram suas casas para viverem nas ruas do Recife e de sua região metropolitana. São crianças e adolescentes com um histórico familiar, que por causa do álcool e das drogas, vivem em conflitos gerando assim, a violência. A situação está tão grave que, em alguns casos crianças e adolescentes, são expulsas de suas casas por aqueles que deveriam ampará-las, ou seja, os pais.

---

<sup>1</sup> Neste lugar existia um capim com um cheiro muito agradável, daí esta nomenclatura.

Acredito que, por se tratar de pessoas que têm um histórico de violência, a sociedade de modo geral não as vê com bons olhos, têm preconceitos. Com a realização deste trabalho, nesta instituição, pretendo produzir e divulgar um conhecimento a respeito desta, tendo em vista a contribuir com a conscientização em respeito ao próximo, especialmente, no que toca à questão do atendimento educativo às crianças e adolescentes em situação de risco.

Discutir o Processo de Ensino e Aprendizagem de crianças e adolescentes em situação de risco social é relevante na medida em que se faz necessário compreender como é desenvolvido este processo e como esta situação interfere nas aprendizagens destas crianças e adolescentes.

Como o fato de essas crianças e adolescentes estarem em situação de risco impacta/influencia em suas aprendizagens? Qual a importância dos educadores no processo de ensino e aprendizagem dos mesmos? Como são desenvolvidas as atividades para o Processo de Ensino e Aprendizagem das crianças e adolescentes em situação de risco social, assistidas pelo Centro Educacional Vida Nova, situado no Assentamento Capim de Cheiro/Caaporã-PB?

A partir da problemática, temos como objetivo geral: Analisar o Processo de Ensino e Aprendizagem das crianças e adolescentes em situação de risco, assistidas pelo Centro Educacional Vida Nova, situado no Assentamento Capim de Cheiro/Caaporã-PB. Para alcançar este objetivo, temos como objetivos específicos: caracterizar as crianças e adolescentes assistidas pelo Centro Educacional Vida Nova; investigar fatores que podem contribuir ou dificultar os Processos de Ensino e Aprendizagem; averiguar, junto aos professores destas crianças e adolescentes como é a aprendizagem e o comportamento delas na Escola; averiguar, junto aos educadores do Centro Educacional Vida Nova, como é o Processo de Ensino e Aprendizagem; descrever como se dá o processo de acompanhamento de estudos das crianças e adolescentes pelos educadores do Centro Educacional Vida Nova.

Além da revisão bibliográfica na qual se pretende discutir: “ONG”, “Crianças e adolescentes em situação de risco”, “Ensino e Aprendizagem”, “Educação”, “Educação Popular”, “Educação Social”, “Pedagogia Social”, “Pedagogia Social de Rua”, “Educadores Sociais de Ruas”, a pesquisa empírica desenvolver-se-á no Centro Educacional “Vida Nova”, que abriga crianças e adolescentes em situação de risco social. Tem por objetivo Analisar o Processo de Ensino e Aprendizagem das crianças e adolescentes em situação de risco assistidas pelo mesmo. Para atingir nossos objetivos,

nossa abordagem será qualitativa, com desenho de um estudo de caso para a instituição supracitada. Uma pesquisa qualitativa é:

[...] qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações. (STRAUSS e CORBIN, 2008, p.23).

Nesse sentido, asseveramos que para esses mesmos autores a pesquisa qualitativa tenta compreender a experiência das pessoas, através da emoção, do pensamento, algo que é difícil de ser alcançado utilizando outros tipos de pesquisas.

O acesso aos dados desta pesquisa será feito por meio da observação participante das práticas relativas aos Processos de Ensino e Aprendizagem no CEVN e na Instituição Escolar, de entrevistas com os educadores do CEVN e da Escola e com as crianças e adolescentes e por meio da intervenção. A observação é “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.” (MARCONI e LAKATOS, 1999, p.90).

O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação. (SEVERINO, 2007, p.120).

Através da observação participante, o pesquisador passa a conhecer mais profundamente os sujeitos da sua pesquisa. Sendo assim, há uma maior interação entre pesquisador e pesquisado, ajudando o pesquisador a identificar e a obter informações mais precisas a respeito dos observados. Além da troca de experiência, o pesquisador passa a ter um contato mais direto com os sujeitos da pesquisa.

A observação atravessou toda a pesquisa. Esta aconteceu em sala de aula, onde o pesquisador registra todas as situações vividas pelos pesquisados, isto é, as atitudes, o comportamento, as dificuldades e facilidades apresentadas. Nesta pesquisa utilizamos também a intervenção.

A intervenção foi realizada duas vezes por semana durante quatro meses, as atividades trabalhadas e elaboradas foram de acordo as principais dificuldades apresentadas pelas crianças e pelos adolescentes em sala de aula, principalmente a



leitura, a escrita e as quatro operações matemáticas, contribuindo assim, para o desenvolvimento dos educandos. A intervenção proporcionou mais aproximação entre pesquisador e pesquisado, gerando assim, uma relação de confiança entre ambos.

A fim de obtermos mais informações a respeito dos sujeitos desta pesquisa, foi necessária a utilização de entrevista. Os entrevistados foram: Educadores do CEVN, Educadores que ensinam os sujeitos da pesquisa na escola formal e, por fim, as crianças e adolescentes assistidas pelo CEVN. Utilizamos esta técnica, pois “A entrevista é uma técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados (...). O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.” (SEVERINO, 2007, p. 124).

Segundo Severino (2007), através da entrevista, o pesquisador tem um contado diretamente com o pesquisado para obter mais informações a respeito do desejado. Através da entrevista obtivemos dados com maior riqueza de detalhes.

Nesta pesquisa utilizamos a entrevista semi-estruturada. A respeito desta, afirma Severino:

[...] colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações. (SEVERINO, 2007, p.125).

Na entrevista semi-estruturada segundo o autor, o pesquisador deixa o pesquisado à vontade para comentar sobre o assunto proposto, podendo fazer intervenções quando necessário. O pesquisador não deve interferir nas informações dadas pelo pesquisado. Isto é, através da entrevista semi-estruturada o pesquisador não ficará preso apenas a um questionário, podendo, assim, dialogar e intervir junto aos entrevistados.

Em nossa pesquisa não houve um critério de escolha para a realização das entrevistas com os educadores do Centro Educacional Vida Nova. A mesma aconteceu na medida em que visitávamos a instituição e a os educadores se mostravam disponíveis. Todos os dois educadores, uma do sexo feminino e um do sexo masculino, que solicitamos que nos concedessem a entrevista, aceitaram, não hesitaram em nos fornecer as informações solicitadas. No final das entrevistas eles se ofereciam em conceder mais informações em outra ocasião, caso necessitássemos.

Com relação à professora do ensino formal também não houve critério, pois é somente uma a que acompanha os principais sujeitos desta pesquisa. Com relação a estes últimos, os assistidos pelo CEVN, foram pesquisados/acompanhados três adolescentes, dois do sexo masculino e uma do sexo feminino. Não houve um critério de escolha, mas sim, por ser o maior número de assistidos pelo Programa numa mesma sala de aula.

Este trabalho é composto por cinco capítulos. O primeiro, este em tela, traz a introdução.

O segundo capítulo trata de conceituar ONG de um modo geral e especificamente a que observamos. Ou seja, conceituamos o que é ONG, procuramos levar um estudo mais específico para a ONG Ruas e Praças e seus Programas, suas propostas pedagógicas, especificando o campo de pesquisa deste trabalho e a instituição escolar dos pesquisados.

No terceiro, procuramos trazer os conceitos de: Educação, Educação Popular, Pedagogia Social, Pedagogia Social de Ruas. Visando a prática dos Educadores Sociais de Rua, enfatizando o trabalho social dos educadores do CEVN.

O quarto capítulo procura estudar/investigar a situação dos menores de e nas ruas, como é o cotidiano destes longe da família. Com isso, daremos ênfase às histórias de vida dos nossos pesquisados, elaborando narrativas sobre os mesmos. Utilizamos este gênero da literatura, pois entendemos que, neste caso, dados estatísticos seriam pouco representativos para esta situação em que a fala destes sujeitos é o mais importante, ou seja, o modo como eles mesmos narram a sua vida.

O quinto capítulo aborda o Processo de Ensino e Aprendizagem, dando uma atenção especial à questão escolar dos pesquisados nas falas da professora desses sujeitos e nas falas dos educadores do CEVN. E, na tentativa de finalizar, tecemos nossas considerações finais.

## **2- O CAMPO DA PESQUISA**

As Organizações Não Governamentais (ONGs) estão cada vez mais presentes, com ação social de grande relevância, pois agem nas situações onde os Governos não conseguem suprir as demandas da população. Neste sentido, procuramos neste capítulo abordar as ações desenvolvidas pelas ONGs, em especial as ações da ONG Ruas e Praças, em suas ações desenvolvidas no município de Caaporã, na Paraíba.

### **2.1 Breve Histórico das ONG**

As Organizações Não Governamentais (ONGs) são organizações sem fins lucrativos, autônomas, sobrevivem de doações e de trabalhos voluntários e de convênios e ações com o Estado. São voltadas para o atendimento de necessidades específicas que ainda não foram objeto do Estado ou do Mercado. As ONGs podem ter suas ações financiadas por agências de cooperação internacional e contam com trabalhos sociais, procurando contribuir para o processo de desenvolvimento em benefício da sociedade.

Desde o fim da II Guerra Mundial, o mundo passou pelas mais profundas transformações de sua história. Assistimos à emergência de novos centros de poder econômico e político, à revolução nas comunicações, ao aumento da produtividade industrial e agrícola, assim como da urbanização. (TENÓRIO, 2006, p.11).

Foram transformações surpreendentes, mas este desenvolvimento causou um aumento da violência, da pobreza, de poluição ambiental, das doenças, e mais, de conflitos religiosos, sociais, políticos, entre outros. Por isso, em pouco tempo o mundo estava diante de grandes problemas a serem resolvidos. Nos países mais industrializados surgiram grupos de pessoas que começaram a administrar a vida comunitária. Segundo Carvalho (1995), as ONGs visavam responder às demandas que não eram atendidas pelo Estado.

[...] passaram a desideologizar o comportamento político, orientando-o para a consecução de objetivos relativos ao atendimento de suas necessidades básicas de saúde, educação, moradia e trabalho, ali onde se verificasse a ausência do Governo. Em consequência, tornou-se evidente um descrédito nas burocracias especializadas e em seus representantes políticos. (CARVALHO, 1995, p.13).

Segundo Souza (1991) “O papel das ONGs no Brasil, na década de 90, é propor à sociedade brasileira, a partir da sociedade civil, uma sociedade democrática, dos pontos de vista político, social, econômico e cultural.” (*apud* TENÓRIO, 2006, p.14).

Portanto, segundo o autor, entende-se que nos anos de 90, as ONGs têm uma finalidade importante na sociedade brasileira, esta foi de democracia, nos âmbitos políticos, cultural, social e econômico.

Em termos significa dizer que as ONGs tomaram para si, em seu contexto de origem de restrições à democracia, a preocupação com políticas públicas (ou ausência delas) face ao Estado cada vez mais distante de preocupações com os direitos sociais, com a equidade, com a relação com a sociedade civil. (PIMENTA, 2003, p. 74).

Ou seja, o Estado encontra-se cada vez mais distante de suas obrigações e não tem preocupação com os direitos sociais, com a justiça social e com a relação com a sociedade civil. Com tantos problemas a serem resolvidos pelo Estado, as questões sociais ficam obliteradas. As organizações existem para superar falhas do governo com relação à assistência e/ou solução de problemas sociais, ambientais ou até econômico. As ONGs atuam diante da “carência de produtos e serviços que o Estado não atende de modo satisfatório e o Mercado não tem interesse de atender.” (OLIVEIRA e HADDAD *apud* SILVA, 2003, p.97).

As ONGs fazem parte do que se denomina Terceiro Setor, esta nomenclatura existe para diferenciar-se do Estado e do Mercado, que correspondem ao primeiro e ao segundo respectivamente. Com relação à existência do Terceiro Setor em razão do Segundo Setor:

A presença de um Terceiro Setor sinaliza, contudo, que o Mercado não satisfaz a totalidade das necessidades e dos interesses efetivamente manifestos, em meio aos quais se movimentam. O Mercado gera demandas que não consegue satisfazer, lança mão de recursos humanos, simbólicos e ambientais que não consegue repor. (FERNANDES, 2005, p.30).

Isto quer dizer que o Terceiro Setor não se caracteriza por investimentos intensivos de capital; ao contrário, se caracteriza pelo uso extensivo do trabalho, dando ênfase à caridade e à sua dimensão voluntária. Para o Terceiros Setor, o mais importante não são os resultados quantitativos, mais sim os resultados simbólicos. Já com relação ao Primeiro Setor, quando este não atende às necessidades sociais, gera o Terceiro Setor.

Atualmente, as ONGs são voltadas para diversos problemas, tais como: fornecer apoio às vítimas de calamidades e refugiados, criança carentes e em situação de risco, idosos ou inválidos, questões referente ao meio ambiente, saúde publica, prevenção da AIDS, direitos humanos, entre outros.

## **2.2 Município de Caaporã**

Antigamente Caaporã era conhecida como Boca da Mata. A palavra Caaporã é de origem indígena, formada da junção dos nomes “Caa” que significa boca e “Porã”, mata. A cidade de Caaporã teve a participação da tribo Caetés que permaneceu na cidade até por volta do século XVIII. Está localizada no Litoral Sul Paraibano a 47Km da Capital João Pessoa-PB e a 80Km da cidade do Recife\_PE, divisa de Estado da Paraíba com Pernambuco. Tem uma área de 144 Km<sup>2</sup>, ocupa o 132º lugar no Estado da Paraíba, representando cerca de 0,25% da área territorial do Estado.

Caaporã e Pedras de Fogo pertenciam a Cruz do Espírito Santo. Mas, em 11 de Março de 1953, pela Lei nº 895, Pedras de Fogo ganhou sua emancipação política. Sendo assim, Caaporã deixa de pertencer ao município de Cruz do Espírito Santo e passa a pertencer a Pedras de Fogo. Segundo Lima (2003), o motivo alegado para a desvinculação foi a proximidade maior deste novo município.

Em 27 de dezembro de 1963, pela Lei nº 3.120, o Projeto de emancipação de Caaporã foi aprovado. E publicado em 12 de janeiro do ano seguinte no Diário Oficial do Estado.

O Município de Caaporã conta com duas indústrias, são elas: a Destilaria Tabu (cana-de-açúcar) e a Lafarge (cimento), antiga Cipasa (cimento POTY). A agricultura é um dos meios de subsistência da população. O produto de maior importância econômica é a cana-de-açúcar.

Sua população estimada é de aproximadamente 20.301 habitantes<sup>2</sup>. A cidade de Caaporã tem alguns distritos, sendo um deles o Sítio Capim de Cheiro, com distância de 05 km da cidade.

## **2.3 Assentamento Capim de Cheiro**

---

<sup>2</sup> Censo 2010-IBGE

A propriedade onde os agricultores moravam e plantavam pertencia à Usina Maravilha<sup>3</sup> a qual o proprietário passou a expulsar os trabalhadores rurais para expandir sua plantação de cana de açúcar. Com isso, os trabalhadores se revoltaram, pois se fossem expulsos não tinham para onde ir. A partir de então começaram a se reunir para impedir tal ação e lutar por um pedaço de terra para plantar e sustentar suas famílias.

Os agricultores tiveram apoio de várias entidades tais como: Comissão Pastoral da Terra (CPT), Sindicados dos Trabalhadores Rurais de Caaporã (STRC), da Igreja Católica etc. Este conflito deu início por volta dos anos de 1974 e 1975. Foram anos de sofrimento, pois durante essa luta, por inúmeras vezes houve despejos, lavouras destruídas, casas derrubadas e algumas vezes queimadas, houve até prisões de agricultores. Essas ações eram praticadas por policiais e por capangas da Usina Maravilha.

A luta pela posse da terra durou aproximadamente 20 anos. Em 06 novembro de 1995 aconteceu a emissão de posse. Isto significava o fim de uma árdua batalha e uma conquista significativa, pois, apesar de ter durado muito tempo para que isto acontecesse, os agricultores tiveram a sensação de que valeu a pena resistir e não baixar a cabeça. Muitos não tiveram o privilégio de sentir o gostinho da vitória, pois não conseguiram resistir tamanha pressão dos opressores, preferiram ceder e procurar refúgio em outro lugar.

Segundo Silva (2011), foram desapropriados 507 hectares, estas divididas para 107 famílias assentadas. Hoje no Assentamento, além dos assentados, têm também 50 famílias agregadas<sup>4</sup> que trabalham nas terras cedidas pelos assentados.

## **2.4 ONG Ruas e Praças**

No ano de 1987, com a mudança no Governo Municipal, se desfazia, na cidade de Recife/PE, um projeto realizado pela prefeitura. Projeto este que realizava trabalhos educativos nas ruas e nas praças da cidade, com crianças e adolescentes em situação de risco.

---

<sup>3</sup> Indústria de álcool, na época situada na cidade de Goiana-PE, que tinha como proprietário José Guilherme. Não existe mais esta indústria na cidade de Goiana.

<sup>4</sup> Trabalhadores rurais que não têm sua própria terra. Na maioria das vezes são familiares dos assentados, os quais cedem parte de seus roçados para estes se sustentarem.

Mas, mesmo não tendo apoio do Governo Municipal, alguns educadores, voluntariamente, sentiram a necessidade de dar continuidade ao trabalho já iniciado, ou seja, continuaram acompanhando as crianças e os adolescentes que viviam nas ruas.

Logo surgiu, em 1988, a ONG Ruas e Praças<sup>5</sup>. Recebeu este nome através das próprias crianças e adolescentes que viviam nas ruas.

O objetivo da referida ONG é educar crianças e adolescentes que vivem nas ruas, na Região Metropolitana do Recife, em situação de risco, o qual tem a arte e a cultura como elementos da construção da cidadania incentivando a construção de novos projetos de vida para um futuro melhor.

Sua proposta pedagógica é a Pedagogia do desejo. Segundo O Grupo Ruas e Praças (1988, p.24) “a Pedagogia do desejo é trabalhar o “resgate dos sonhos e da construção de projetos de vida.” Assim, O GRUPO RUAS E PRAÇAS (1998) enfatiza:

Nossa proposta educativa, baseada na pedagogia do desejo, tem como instrumento metodológico privilegiado a exploração do lúdico e destaca o resgate da beleza, da auto-estima, da auto valorização e do respeito ao corpo. Trabalha também os desejos e sonhos do educando, tentando buscar as devidas possibilidades para sua concretização.(p.29).

Portanto, a Pedagogia do Desejo é o resgate dos sonhos dos sujeitos que se encontram desiludidos, que já não têm mais vontade de viver, que não têm mais sonhos. Pois a situação em que se encontram, não oferece esta possibilidade de realização de sonhos, mas a proposta da Pedagogia do Desejo é possibilitar a esses indivíduos o desejo de sonhar e lutar pela realização dos mesmos.

#### **2.4.1 Propostas Pedagógicas da ONG Ruas e Praças**

O processo pedagógico desenvolvido nas ruas e nas praças na cidade do Recife se dá através dos educadores, que se dedicam ao processo de abordagem, desenvolvendo atividades educativas com crianças e adolescentes que vivem nas ruas em situação de risco. A prática pedagógica do Grupo Ruas e Praças está voltada para atividades ludo-culturais, tais como: confecção e apresentação de mamulengos, capoeira, frevo, jogos infantis, alfabetização, serigrafia, tapeçaria, crochê, festas e eventos (1º de Maio, Dia das Crianças, Natal...) entre outras. Também é trabalhado o

---

<sup>5</sup> Os educadores da ONG Ruas e Praças, em vários momentos, usam o nome Grupo em vez de ONG. Nós também, em alguns momentos, iremos usar esta nomenclatura.

ponto de vista político, o qual reúne as crianças e adolescentes, fazendo com que os mesmos reflitam e tome consciência de sua situação, quais as causas que os levaram a estarem/viverem nas ruas e que estejam dispostos à mudança social e cultural. “O Grupo estimula o compromisso do educador e do educando com a sua transformação individual enquanto sujeitos de um processo de mudanças coletiva ou social”. (GRUPO RUAS E PRAÇAS, 1998, p. 28).

A prática educativa dos educadores consiste na visão dialética, isto é, ação-reflexão-ação. Os educadores da ONG Ruas e Praças enfatizam a importância do pensar, isto é, refletir sobre suas práticas desenvolvidas, dispostos a reformular as que não estão dando frutos.

O elemento fundamental da proposta pedagógica é o lúdico, utiliza-se o mesmo na criatividade dos educandos, nas brincadeiras, no resgate da cultura, na auto estima, na auto valorização e do respeito ao seu próprio corpo, entre outros.

Na abordagem, os educadores dão lugar ao diálogo, deixando as crianças e os adolescentes à vontade. Algumas vezes, os educadores se aproximam de um determinado grupo depois da observação feita “ocultamente”, ou seja, começam a observar os horários, onde dormem, onde e de que se alimentam, como é o relacionamento destes com as pessoas, se cometem furtos ou não. Depois dessas observações, os educadores já conhecem um pouco da rotina desses sujeitos, o segundo passo é a aproximação aos poucos, já com um planejamento educativo.

Muitas vezes os educandos percebem que os educadores os observam de longe, ficam inquietos e vão até aos educadores indagar os motivos de tanta observação e o que estão querendo. Nesse caso, é o menino ou a menina que inicia a comunicação verbal, aproveitando a ocasião para pedir dinheiro e/ou cigarro ao educador.

A partir do momento que há este diagnóstico e os educadores já têm uma boa relação com o educando, entram em ação as oficinas pedagógicas com a intenção de despertar no educando a vontade de mudança. Algumas atividades são: oficina de teatro, oficina de dança, futebol, oficina de leitura, entre outros.

Segundo o Grupo Ruas e Praças (1998), os educadores procuram trabalhar de acordo a realidade dos educandos, respeitando o querer dos mesmos, dando ênfase e privilégio à escuta. Sendo assim, há uma maior interação e respeito entre o educador e o educando. “A rua é o espaço inicial de se estabelecer relações. É a partir dela que começamos a elaborar e estabelecer normas e regras para que possamos desenvolver de forma coletiva o processo educativo.” (GRUPO RUAS E PRAÇAS, 1998, p. 80).



Com isso, podemos dizer que é a partir do contato com as crianças e adolescentes na rua que o educador passa a conhecer estes sujeitos, estabelecendo uma relação de aproximação entre educador e educando.

Quanto à escolaridade, as crianças e os adolescentes, em sua maioria, não são alfabetizados, embora todas já tenham passado pela escola. Os educandos que frequentam as escolas, são os que não moram nas ruas, apenas passam o dia nas ruas trabalhando.

Já para as crianças que não têm casas e vivem nas ruas, conciliar a vida na rua com o frequentar uma instituição escolar é quase impossível. É muito raro um educando que vive na rua conseguir frequentar a escola por muito tempo, apenas conseguem fazer a matrícula ou no máximo vão à escola apenas na primeira semana de aula.

As crianças e os adolescentes que são atendidas pelo Centro Educacional Vida Nova, localizado no Sítio Capim de Cheiro, Caaporã-PB, frequentam a escola pública do Assentamento (até o 5º ano). Os educandos que já estão em um nível de escolaridade mais avançado, ou seja, quem está cursando do 6º ano em diante frequentam a escola na Zona Urbana, Caaporã-PB. A princípio a escola do Assentamento se recusava a aceitar essas crianças, mas com muita insistência, foi possível estabelecer uma boa relação. Os educadores participam das reuniões de pais e mestres. Os educadores fazem acompanhamento diário nesta escola e os educandos são bem aceitos pelos professores e alunos.

A falta de documentação é uma das dificuldades, pois, no ato da matrícula as escolas solicitam o registro de nascimento e muitos não foram registrados, outros perderam. Mas apesar da exigência da documentação, o Grupo consegue matricular os alunos sem apresentação imediata da documentação.

Segundo os educadores do Grupo Ruas e Praças (1998), a instituição conseguiu aumentar o leque de articulação com as escolas públicas e também o gosto pelas atividades escolares (alfabetização) dos educandos.

Segundo Grupo Ruas e Praças (1998), podemos destacar alguns motivos que fazem com que as crianças e os adolescentes não frequentem as instituições escolares, são elas:

- A distância da escola, em relação aos assistidos pelo Grupo que moram na rua, pois já que não têm moradia fixa, tanto faz hoje

estarem em um determinado lugar, como amanhã encontrar-se em outro.

- A discriminação, partindo dos professores e alunos, por essas crianças e adolescentes não terem o perfil condizente pela qual a escola “determina”, isto é, de educandos limpos, cheirosos, bem vestidos e calçados. Sendo assim, estes são rotulados de “cheira cola”. Já os que apenas passam o dia na rua trabalhando, a relação é diferenciada, visto que, tomam banhos, consequentemente estão mais limpos e de certa forma têm uma relação com a família.
- O método tradicional de ensino dificulta a aprendizagem, fazendo com que as crianças e adolescentes não sejam estimulados a frequentar a escola.
- A falta de merenda escolar, falta de professores, falta de vaga.
- A necessidade da complementação de renda faz com que os educandos troquem a escola pelas ruas, semáforos, etc.

É contraditório quando é mencionado que os professores e os alunos têm uma boa relação com os alunos assistidos pelo Grupo, ao mesmo tempo a discriminação partida de colegas e professores é um dos motivos que estimula as crianças e os adolescentes a deixarem a escola.

Os educadores desenvolvem ações que tem como objetivo estimular o gosto pelas atividades escolares. Uma dessas ações é a oficina de leitura, visando despertar o gosto pela leitura. Muitos demonstram o desejo de aprender a ler.

O acompanhamento escolar acontece mediante a matrícula e frequentemente no decorrer das aulas, “garantindo” a permanência dos mesmos. “É prazeroso, quando os meninos/as estão abertos para ação educativa, quando conseguem substituir as drogas pelas atividades. É prazeroso o participar das atividades, o companheirismo, o respeito, a relação de confiança.” (GRUPO RUAS E PRAÇAS, 1998, p.65). Diante das dificuldades enfrentadas pelos educadores de ruas, estes se sentem realizados ao perceberem que seus educandos estão se envolvendo nos trabalhos realizados por estes educadores.

### **2.4.2 Quem são os Educadores da ONG Ruas e Praças?**

O Grupo Ruas e Praças, atualmente, está com onze (11) educadores, sendo que, dez(10) trabalham no Recife e um no Sítio Capim de Cheiro, mas este último não fica apenas do sítio, sempre fazem rodízios com alguém que trabalha na Recife. Seis desses educadores são do sexo feminino e cinco do sexo masculino. No momento, o Grupo está recebendo três voluntários, dos quais dois são alemães e um deles ficará até novembro do corrente ano dando apoio no Centro Educacional Vida Nova.

Oito educadores vão às ruas do Recife fazer o trabalho de observação e aproximação com as crianças e os adolescentes, como já mencionado, um educador fica no sítio com os educandos moradores e dois ficam na coordenação, mais especificamente na sede da ONG.

Quatro têm o Curso de Pedagogia completo, dois com especialização, uma assistente social, um com formação em letras, um técnico em contabilidade, dois em processo de formação (Pedagogia) e dois concluíram apenas o Ensino Médio.

Tem uma psicóloga que não é contratada pelo Grupo, é prestadora de serviço. O Grupo consegue a mesma através de projetos. O contrato tem duração de seis meses, mas sempre conseguem renová-lo. O Grupo também tem o apoio de uma terapeuta floral que está no sítio uma vez por mês. Um educador do campo, uma cozinheira e um motorista.

Entrevistamos dois educadores do CEVN. E<sub>1</sub>, como será nomeada neste trabalho, educadora do sexo feminino, tem 38 anos. Está concluindo o Curso de Pedagogia, já trabalhou em outra instituição que realiza trabalhos sociais, é militante do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Ruas. Trabalha na abordagem dos meninos/as de ruas e no CEVN. Ao nascer, foi rejeitada pelos pais e foi criada por uma tia. Desde cedo participou de encontro de jovens na comunidade, de grupos de dança. Com suas participações em grupos populares foi convidada aos 18 anos a participar da equipe pedagógica desta Instituição social.

E<sub>2</sub>, como será denominado neste trabalho, educador do sexo masculino, tem 46 anos. Concluiu o Ensino Médio. Fez curso de Inglês, mas não concluiu. Fez música,

mas também não concluiu. Já trabalhou em outra instituição social na prefeitura do Recife. Trabalha apenas no CEVN, não trabalha na abordagem.

### **2.4.3 Infraestrutura da ONG Ruas e Praças**

O Grupo Ruas e Praças (GRP) começou sem praticamente nenhuma estrutura física. Todo material pedagógico era adquirido através de doações. Já que o Grupo não tinha uma sede, os meninos, meninas e educadores encontraram a alternativa de guardar o material pedagógico em um esgoto desativado próximo à área que os educadores atuavam.

Com a colaboração do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Ruas (MNMMR), junto à Legião Brasileira de Assistência (LBA) o GRP consegue o financiamento para o aluguel de uma sala, dando origem a sua primeira sede.

A sede é apenas uma casa e funciona como escritório, a qual acontece uma reunião semanal com os educadores. Segundo uma educadora, a sede é muito pequena. O GRP está preste a inaugurar uma nova sede, a mesma ainda está em reforma. Com uma sede maior, os educadores pretendem atender uma demanda maior de crianças e adolescentes. Os educadores também pretendem realizar mais oficinas, além da percussão e da dança.

O Grupo tem quatro programas, são eles: Educação de Rua, Sócio-familiar, Centro Educacional Vida Nova e Articulação Política.

### **2.4.4 Caracterização dos Programas**

**Educação de Rua:** são realizadas atividades recreativas, artesanais, culturais... com as crianças e os adolescentes que vivem nas ruas da Região Metropolitana do Recife. As atividades realizadas nas ruas abordam diversos temas, como: a conscientização e prevenção da AIDS, o uso de drogas, discriminação racial, violência, exploração sexual contra crianças e adolescentes, autoestima, família, etc. As datas comemorativas também são comemoradas. Também são realizadas oficinas de teatro, percussão, danças populares, formação de grupo de organização política com os adolescentes.

Tem como objetivo desenvolver a formação integral desses sujeitos na faixa etária de 08 a 18 anos.

**Sócio Familiar:** Houve a necessidade de trabalhar as famílias, porque não adiantava nada trabalhar as crianças e as adolescentes sem trabalhar as famílias. O objetivo deste programa é fortalecer os laços afetivos entre as crianças e os adolescentes com as famílias, ambas atendidas pela ONG.

O primeiro contato se dá a partir do momento em que os educadores/as vão levar as crianças e os adolescentes em suas casas. Neste primeiro contato acontece a primeira conversa, procuram saber o que está acontecendo, oferecendo-lhes ajuda. As mães são inscritas no programa e passam a receber assistência, ou seja, apoio social e psicológico. Participam dos encontros de mães, muitas delas têm resistência em querer ajuda. Nesses encontros são desenvolvidas palestras, oficinas, tendo como temas: violência doméstica, sexualidade, drogas, educação, etc.

**Centro Educacional Vida Nova:** Está localizado no Assentamento Capim de Cheiro/Caaporã-PB. É uma instituição que abriga crianças e adolescentes que já passaram pelos outros programas da ONG Ruas e Praças, com o intuito de trabalhar com as crianças e adolescentes a realidade dos mesmos para que voltem para suas famílias. Tem por objetivo tirar as crianças e adolescentes das ruas, oferecendo-lhes a oportunidade de recomeçar.

**Articulação Política:** Mantém uma articulação política com diversas organizações, tanto governamental quanto não governamental. Procura interferir nas formulações e fiscalização das execuções das políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes.

O programa que nos interessa é o Centro Educacional Vida Nova; por isso, daremos mais ênfase ao mesmo.

#### 2.4.5 Centro Educacional Vida Nova

O casal Adrianus<sup>6</sup> e Helena Janssen<sup>7</sup>, ex-moradores e proprietários da área que hoje está localizado o Centro Educacional Vida Nova, no Sítio Capim de Cheiro, tinham contado, e já trabalhavam nesta área (social), com o Grupo Ruas e Praças. Sempre

---

<sup>6</sup>Ex-proprietário da terra onde hoje está localizado o Centro Educacional Vida Nova e colaborador do Grupo Ruas e Praças.

<sup>7</sup> Esposa de Adrianus Janssen e colaboradora do GRP.

frequentavam a sede da ONG, com a aproximação do casal com os assistidos, formou-se um vínculo de afetividade entre os mesmos.

Nos fins de semana, o casal sempre levava algumas crianças e adolescentes para o sítio e no início da semana retornavam ao Recife. Foi assim por algum tempo. Nessa mesma época estava acontecendo o processo de luta pela conquista da terra. Não demorou muito para os mais velhos se envolverem nesta batalha, sempre que estavam no sítio participavam das ações.

Em 1991, o casal decidiu que o sítio seria um espaço dedicado às crianças e adolescentes de rua. Após muita luta, em 1996, o GRP adquire a posse e legalização de uma área de terra no Sítio Capim de Cheiro, foi uma grande conquista e muito esperada. Apesar de a terra ser uma propriedade primada, os moradores tiveram resistência em aceitar, tinham medo. Mas apesar do medo, a sensibilidade falou mais forte, ou seja, de certa forma, alguns dos assistidos pelo programa, faziam parte da história da conquista pela terra.

O Centro Educacional Vida Nova é um dos Programas da ONG Ruas e Praças, situado no Assentamento Capim de Cheiro/Caaporã-PB. Ao todo, a propriedade tem 8 hectares, com cinco casas, três utilizadas como dormitório, um refeitório e uma chamada de Centro Educacional Vida Nova, onde são desenvolvidas oficinas. Conta com um campo de futebol e diversas hortas, tem capacidade para abrigar vinte moradores. Conta ainda com dois educadores-moradores, dois educadores-acompanhantes e uma pessoa responsável pela alimentação. A instituição sobrevive basicamente de doações, vindas de organizações internacionais, principalmente da Holanda.

**Figura 1: Dormitório Masculino**



**Foto: Janaína Medeiros-05/05/2011**

**Figura 2: Dormitório Feminino**



**Foto: Idem.**

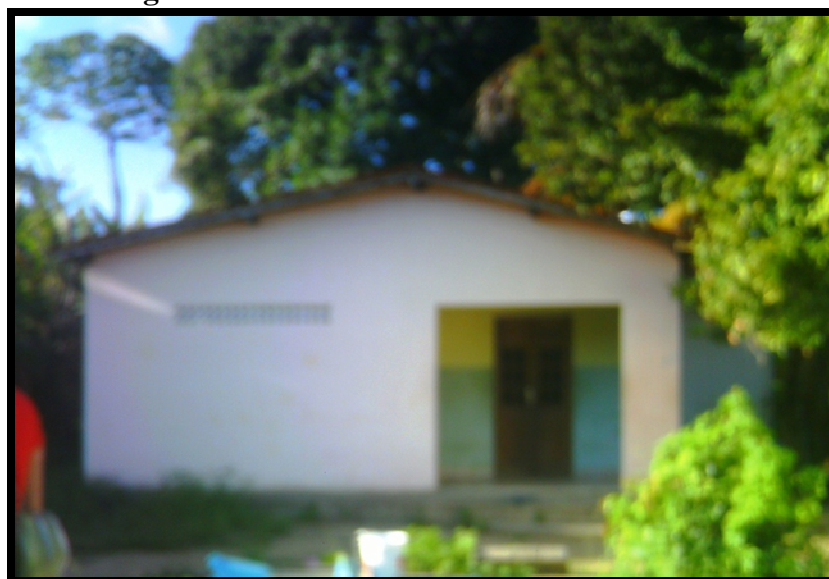
O Centro Educacional Vida Nova é uma instituição que abriga crianças e adolescentes de rua, com idade de oito a dezoito anos. Sua finalidade é a reintegração das crianças e adolescentes assistidas pelo Programa com as famílias. Existem casos que, quando não têm família, há um processo de adoção.

O primeiro contato é feito pelos educadores do Programa Educação de Rua, um dos programas da referida ONG, os mesmos vão às ruas em busca de crianças e adolescentes em situação de risco. Os educadores dialogam com os menores e os convidam para conhecer a sede da ONG, oferecendo-lhes a oportunidade de sair da rua, sugerindo-lhes o Centro Educacional Vida Nova como abrigo.

Para morar na instituição, o referido Centro exige um processo de vontade própria e adaptação dos menores. Sendo assim, eles têm o primeiro contato, onde passarão dois dias participando das oficinas, das atividades e em contato com outras crianças e adolescentes.

Passados esses dois dias, as crianças não voltam mais para as ruas, são levadas pelos educadores para as famílias. É exatamente nesse contato com as famílias que o Programa Sócio-familiar entra em ação, ou seja, as famílias passam a ser acompanhadas por especialistas. Se as crianças e os adolescentes quiserem voltar ao sítio, são trazidas pelos educadores, e não passarão apenas dois dias, mas cinco dias. Helena Janssen explica: “Aqui só fazemos duas exigências: que o jovem não use drogas e estude. Quando ele percebe que está apto a deixar as drogas, pode passar a morar aqui.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2002). Ninguém fica no sítio obrigado, a qualquer momento que eles quiserem voltar para as ruas, estão livres.

**Figura 3: Casa do Processo de dois e três dias.**



**Foto: Janaína Medeiros-05/05/2011.**

No sítio são desenvolvidas algumas atividades através de oficinas educativas, como: agricultura, acompanhamento escolar, corte e costura, capoeira, além de todo acompanhamento social, psicológico e pedagógico. Adriano Janssen relata: “O contato com o campo, as árvores, o riacho, a terra, dá a esses meninos a oportunidade de sonhar em sair daquela vida nas ruas e partir para uma vida melhor.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2002).

Todos os assistidos frequentam escolas públicas, alguns frequentam a do próprio assentamento; outros, a da cidade. Maria José explica: “Aqui todos estudam e desenvolvem atividades, nos horários certos e de forma responsável.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2002).

Nesse espaço é trabalhado o senso coletivo, estimulando o convívio em grupo e reinserindo-os na vida social e familiar.

O processo de saída é diversificado, isto é, uns não se acostumam com as regras estabelecidas e pedem para voltar, outros conseguem de adaptar as normas e ao convívio com outros colegas e moram na instituição até estiverem preparados para enfrentar o mundo de outra forma, alguns já com planos de trabalhos e casamentos.

Na maioria das vezes quando as crianças e adolescentes saem do Centro, tem acompanhamento dos educadores por um determinado tempo, alguns, mesmo depois do acompanhamento, mantêm contato, outros não têm o acompanhamento porque simplesmente vão embora sem deixar qualquer tipo de comunicação, ou já se acham recuperados.

## **2.5 Escola que os assistidos pelo CEVN estudam**

Além da pesquisa no Centro Educacional Vida Nova, faremos, também, observações na instituição escolar que os pesquisados estudam, ou seja, Escola Municipal José Maria Bandeira (Zona Rural de Caaporã).

A Escola Municipal José Maria Bandeira, está localizada no Assentamento Sítio Capim de Cheiro-Caaporã/PB, a qual recebeu este nome em homenagem ao Sr. José Maria Bandeira. Este, percebendo a necessidade de atender as crianças da comunidade, tomou a iniciativa de fundar uma escola. No início funcionava em uma casa de taipa e uma professora foi contratada para atender os alunos que iriam estudar nesta instituição. Sua construção teve início em 1978, mas apenas em 05 de novembro de 1979 foi fundada.



A estrutura física da instituição é regular. Possui 02 salas de aulas, 01 diretoria, 02 banheiros (um feminino e um masculino), 01 cozinha, por sinal muito pequena, e 01 dispensa, não tem biblioteca, os livros didáticos ficam numa estante localizada na diretoria e em uma das salas de aula, segundo a diretora, em cada sala de aula existe um cantinho de leitura. A escola não possui computadores, televisão, nem DVD.

**Figura 4: Escola Municipal José Maria Bandeira**



**Foto: Rosa da Silva-23/07/2011**

Seu horário de funcionamento é no turno da manhã e da tarde. O corpo docente é constituído por 03 professoras, todas formadas em Pedagogia. A equipe diretiva é composta por apenas uma diretora. Seu quadro funcional dispõe de 04 auxiliares de serviços gerais e 02 vigilantes.

A escola conta com 70 alunos matriculados, funcionando em dois turnos, manhã e tarde. Pela manhã atende os alunos do Pré I e 1º e 2º ano (multisseriado), no turno da tarde atende os alunos do 3º ano, e 4º e 5º ano (multisseriado), A referida instituição também atende alunos que são atendidas pelo Centro Educacional Vida Nova.

A Professora que entrevistamos é formada no Curso de Pedagogia há 06 anos e em Psicopedagogia há 03 anos. Neste trabalho será conhecida por P<sub>1</sub>. Já lecionou outras crianças e adolescentes em situação de risco social numa escola do Município.

### **3- EDUCAÇÃO E SUA PRÁTICA NAS RUAS: o caso dos educadores Sociais de Rua**

Entre tantas práticas educativas, a Educação faz parte, mesmo inconsciente, da vida de todos os seres humanos. Procuramos, neste capítulo, trazer conceitos de várias práticas educativas, com o objetivo de valorizar a prática educativa social.

#### **3.1 Conceituando Educação**

Educação é uma ação e/ou absorção de um conhecimento ou aprendizado. Esta ação ou absorção pode ocorrer através da linguagem falada ou escrita, através de gestos, ações, etc., portanto, pode-se dizer que ninguém está sujeito a não fazer parte desse processo.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 2006, p. 07).

Portanto, segundo Brandão (2006), a educação faz parte da vida de todo ser humano e todos estão sujeitos a participarem desse processo. Não existe um lugar específico para a educação se fazer presente, a mesma acontece em qualquer lugar, em diferentes espaços e com diferentes pessoas. “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” (BRANDÃO, 2006, p. 09).

Quando falamos de educação, instantaneamente surgem imagens de instituições escolares, mas como já foi mencionado, a escola não é o único lugar onde ocorre a educação, nem tão pouco, o professor é o único mediador. O processo de ensinar e aprender, que faz parte da educação, pode acontecer, perfeitamente, com a ausência do professor.

Aprendemos em diversos lugares e com diversas pessoas, tais como: aprendemos com os amigos, familiares, vizinhos, com pessoas próximas e até com

desconhecidos. Há uma troca de conhecimento entre as pessoas, onde um aprende com o outro. Sendo assim, destacamos que não existe um modelo de educação, ela é diversificada entre os povos.

Em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais *sem classe*, *de classe* com este ou aquele tipo de conflito entre as classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas. (BRANDÃO, 2006, p. 09)

Portanto, podemos dizer que a educação é um processo e que acontece em várias organizações sociais e faz parte da cultura do indivíduo. Assim enfatiza Petrus, “A educação é global, é social e acontece ao longo de toda vida.” (PETRUS, 2003, p.60). Sendo assim, segundo o autor, toda educação é social, seja ela para a elite ou para a classe popular. Compreendemos que há apenas um tipo de educação, o que diversifica é como esta está sendo desenvolvida entre os povos.

Segundo Brandão (2006), pessoas usam a educação para dominar outras pessoas, gerando, assim, a relação de poder e a desigualdade social. Não é possível enxergarmos a educação, “a educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais” (BRANDÃO, 2006, p.12), mas é possível visualizar os efeitos/ações dela.

A educação é intencional, ou melhor, tem sempre a intenção de levar um tipo de conhecimento aos indivíduos e que estes sejam capazes de aprender.

### **3.2 Pedagogia Social**

Compreendemos por Pedagogia Social como uma ciência da educação, isto é, uma das ramificações da educação. Ela está voltada, com mais precisão, para as classes populares, atendendo às necessidades básicas dos indivíduos mais necessitados.

As imagens que espontaneamente nos ocorrem, quando falamos de Pedagogia Social ou de educadores sociais, são as da marginalização, da inadaptação, dos toxicômanos, dos presos, da infância maltratada, da pobreza... Por isso, dissemos uma vez que a Pedagogia Social foi e continua sendo, fundamentalmente uma “pedagogia da necessidade.” (TRILLA, 2003, p.20).

Segundo Trilla (2003), a Pedagogia Social interfere na necessidade das pessoas que estão esquecidas e que, por algum motivo estão excluídos da sociedade. Mas, em

contra partida, Trilla (2003) também afirma que: “A Pedagogia Social acolhe *preferencialmente* intervenções não-formais, *preferencialmente* realizadas sobre objetos em situação de conflito social e com o objetivo *preferencialmente* de desenvolver neles aspectos de sua sociabilidade.” (TRILLA. 2003 p. 24).

Apesar de a Pedagogia Social ter sensibilidade com a classe popular e acolher, preferencialmente, os indivíduos que se encontram em situação de conflito social, que requerem atenção especial, a mesma não é exclusiva destes destinatários. Podendo realizar trabalhos sem que seja para este público em especial. Ou seja, “(...) incluem instituições e intervenções educativas que têm como usuários sujeitos “normatizados”, instituições de educação no tempo livre, por exemplo.” (TRILLA, 2003, p. 21). Isto significa que esta pedagogia não se reduz apenas aos destinatários em conflito social, apenas tem uma preferência por este público.

Assim como compreendemos que a Pedagogia Social é uma das ramificações da educação, podemos dizer que a Pedagogia Social de Rua é uma ramificação da Pedagogia Social, que tem como destinatários crianças e adolescentes que vivem em situação de abandono e nos perigos que as ruas lhes oferecem. A maioria são usuários de entorpecentes praticantes de atos infracionais e, para poderem se sustentar, chegam até a prostituírem-se. Com isso, são “(...) negligenciados pela família, pela sociedade e pelo Estado, que não define políticas públicas adequadas (...)” (GRACIANI, 2009, p.198). Como consequência da moradia nas ruas, são maltratados, os hábitos são alterados (sono e alimentação), falta de higiene, de disciplina e de limites.

A Pedagogia Social de Rua é um trabalho, acima de tudo, de conquista e de afeto, que permitirá a permanência dos meninos pelo “desejo” de permanecerem, de serem considerados, de serem ouvidos, de poderem expressar seus anseios e angústias. Esses momentos, profundamente presentes no cerne do conflito, são as reais possibilidades de emancipação e engajamento dos meninos (as) de rua ao novo projeto de vida. (GRACIANI, 2009, p. 194-195).

Nesse sentido, Graciani (2009) enfatiza que a Pedagogia Social de Rua é um trabalho que exige afeto, conquista e compreensão, possibilitando aos meninos (as) de rua, a liberdade de expressão e serem ouvidos. Essa Pedagogia procura “(...) estimular as crianças e adolescentes de rua a discutirem, entenderem e aceitarem, de forma digna, as regras e os limites necessários ao exercício da cidadania.” (GRACIANI, 2009, p. 196).

As crianças e adolescentes têm resistência, no primeiro momento, em aceitarem as regras impostas a eles/as, mas, a partir do trabalho da Pedagogia Social de Rua, que dá a chance dessas crianças e adolescentes se expressar, colocam para fora o que estão sentindo, então essa resistência diminui consideravelmente, até porque a maioria das regras é construída coletivamente, isto é, as próprias crianças e adolescentes participam do processo de construção das regras. Portanto, a ação pedagógica consiste no processo de construção de conhecimento, seja ele coletivo e/ou individual.

### **3.3 Cotidiano dos Educadores Sociais de Ruas**

Existem inúmeras entidades que trabalham com ação social, isto é, que realizam trabalhos sociais com pessoas que estejam precisando de atenção especial. Os trabalhos sociais estão presentes em diversas situações, entre as quais quando há o trabalho voltado para os moradores de ruas. Algumas vezes a reação das crianças e dos adolescentes após o primeiro contato com os educadores sociais é de rejeição, pois, esses educadores não fazem parte do cotidiano desses sujeitos, com isso se sentem ameaçados.

Em determinados “pontos” o menino começa a perceber que estamos ali fazendo parte do dia a dia dele e começa a se indagar sobre o que aquela pessoa está querendo. Não raro, acontece de nessa paquera, ao invés do educador chegar primeiro, o (a) menino (a) é que chega até o educador. Nessa situação, o (a) menino (a) é quem inicia a primeira comunicação verbal: pede um cigarro, pede um dinheiro, pergunta se está esperando o namorado ou a namorada (GRUPO RUAS E PRAÇAS, 1998, p. 66).

Como observam os educadores do Grupo Ruas e Praças (1998), algumas vezes, antes mesmo que os educadores se aproximem, os menores se antecipam e questionam porque motivo eles os estão observando. A presença dos observadores, de alguém estranho, chama a atenção dos menores que julgam serem de um abrigo ou do juizado de menores. Com isso, não hesitam, em se aproximar e tomar uma satisfação, aproveitando a ocasião para obterem algum lucro, como por exemplo; trocados, cigarros, lanches, etc.

Para que este trabalho social seja realizado, a presença do Educador Social de Rua é indispensável. O Educador Social de Rua realiza trabalhos pedagógicos com os marginalizados, especialmente com crianças e jovens de ruas.

O Educador Social de Rua é um mediador do diálogo do educando com o conhecimento. Assumindo a intervenção, a diretividade do processo, revê a diferença entre o seu saber e o saber do educando e compromete-se com a assimetria inicial, caminhando na direção de diminuir gradativamente essa diferença. Ter intencionalidade, dirigir, é ter uma proposta clara do trabalho pedagógico, é propor e não impor, é desafiar o educando para aprender a pensar, elaborar e criar conhecimento (GRACIANI, 2009, p. 208)

Segundo a autora, o Educador Social de Rua precisa ter uma proposta pedagógica que esteja dentro da realidade de seus educandos, também necessita que haja afeto e compreensão. Daí a importância dos Educadores de Rua se colocarem não como mero educadores, nem como mero observadores, mas se colocarem como indivíduo que está vivenciando situações de abandono nas ruas, ou seja, se colocarem no lugar dessas crianças e adolescentes de ruas, ou seja, educadores e educandos como sujeitos desse processo.

A partir do momento que os Educadores Sociais de Rua se comprometem a fazer parte desse processo, facilita a compreensão das vivências desses sujeitos. Os Educadores Sociais de Rua só poderão conhecer profundamente a realidade de quem vivem nas ruas se envolvendo nesta realidade e interagindo com esses sujeitos. Para realizar um bom trabalho social, a sensibilidade é indispensável. Assim afirmam educadores da ONG Ruas e Praças:

*Para mim, trabalhar com o social, é uma tarefa que todos os seres humanos deveriam ter tempo para viver e se dá um pouco mais para esse lado social. É um lado bom que trabalhamos a vida, trabalhamos com a realidade, no qual eles e elas vivem. (E<sub>1</sub><sup>8</sup>)*

*É um trabalho gratificante para mim. Eu acho que o governo, o município não vê do mesmo jeito não. Às vezes, o ser humano, você, eu, tem uma visão, mas o pessoal tem outra. (E<sub>2</sub><sup>9</sup>)*

---

<sup>8</sup> Educadora da ONG Ruas e Praças, 38 anos, pré-concluinte do Curso de Pedagogia. Trabalha como Educadora Social de Rua, do CEVN e é militante do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Ruas (MNMMR). Já trabalhou no Projeto: **SE ESSA RUA FOSSE MINHA** (Projeto executado na cidade de Olinda-PE que também trabalha com ação social).

<sup>9</sup> Educador do CEVN, 46 anos, tem o Ensino Médio completo, começou o Curso de Música, mas não concluiu. Já trabalhou no IASC (Projeto da Prefeitura do Recife/PE). Foi educador do CEVN por três anos, saiu e foi trabalhar na Prefeitura do Recife por cinco anos. Recentemente voltou a trabalhar no CEVN. Não trabalha na abordagem dos adolescentes nas ruas.

Para E<sub>1</sub>, trabalhar com ação social deveria ser uma experiência comum a todos os seres humanos. O E<sub>2</sub>, afirma que é um trabalho gratificante. Porém, destaca o desinteresse do Estado e de muitas pessoas para tal ação. Com isso, entendemos que para o sucesso do trabalho social é necessário o envolvimento, tanto da comunidade, quanto dos educadores sociais, do Estado e de toda a população em geral.

O Educador Social de Rua trabalha com diferentes histórias de vidas de crianças e adolescentes. O mesmo precisa saber acompanhar essas diversas situações. Para os educadores da ONG Ruas e Praças, trabalhar com histórias tão diversas:

*Com esse público de crianças e adolescentes em situação de rua é o amor, o diálogo, o respeito, é a vontade de querer ajudar o outro, é você gostar do que faz. (E<sub>1</sub>)*

*Tudo é o tempo, tudo você vai aprendendo com o tempo. Por mais que você estude e tenha uma regra, ela é muito válida, mas o dia a dia é que faz você começar perceber muitas coisas. (E<sub>2</sub>)*

A vontade de ajudar o próximo, utilizando o diálogo, o respeito, o amor é o caminho que E<sub>1</sub> utiliza para poder intervir com diferentes histórias de vidas. Segundo Freire (1997) é necessário que o educador tenha “amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar.” (FREIRE, 1997, p. 57). Destaca ainda que se o educador não tem amor ao que faz, “seu trabalho perde o significado.” (FREIRE, 1997, p. 57). Neste sentido, Freire destaca a importância do afeto entre educador e educando, mas que o educador antes de tudo é profissional.

Já E<sub>2</sub>, destaca que a qualidade do trabalho com diferentes histórias é a prática desenvolvida ao longo do tempo. Destaca ainda, que por mais que uma pessoa tenha a teoria, é a prática que faz o individuo realizar um trabalho exitoso. Ressaltamos que, mesmo o referido educador destacando a prática como elemento importante, não descarta a validade de uma teoria.

Para que o trabalho do Educador Social obtenha bons resultados, é fundamental a realização profissional.

*A realização do trabalho é a realização de cada menino, de cada família, que também são acompanhadas pela ONG Ruas e Praças, que conseguem aceitar seus filhos de volta. A realização anda comigo, não é uma coisa final. (E<sub>1</sub>)*

*Eu posso fazer um monte de coisa na vida, mas esse é um trabalho que gosto. Não é por causa da grana não. A grana é porque a gente precisa dela. (E<sub>2</sub>)*

A realização profissional da E<sub>1</sub> vem do sucesso do trabalho desenvolvido pela ONG Ruas e Praças. Segundo ela, a realização profissional não é algo definitivo, mas algo constante. Mesmo que o E<sub>2</sub> realize outros trabalhos, a realização do mesmo só será completa a partir do momento que realiza trabalhos sociais. Para ele, o dinheiro é uma consequência do trabalho, não o fator principal.

O tempo de trabalho e convivência no CEVN, os educadores já presenciaram inúmeras situações de crianças e adolescentes que lhes marcaram. Procuramos saber qual situação mais comoveu o E<sub>2</sub> e a E<sub>1</sub>.

*Foi de um menino que faleceu quando estava sendo atendido por nós aqui. Ele teve um problema no Recife, uma brincadeira lá com outro menino, e um resíduo de uma espingarda pegou no olho dele e ficou um tempo e infeccionou e morreu em João Pessoa. Ele tinha na faixa de uns 16 anos. (E<sub>2</sub>)*

*Foi de uma ex-moradora desse sítio que nasceu e cresceu nas ruas, que aprendeu a ler na rua e que veio para esse sítio. Desde que ela entrou aqui ela disse: Para rua não volto mais. Hoje tem sua família, vive com seu esposo. Hoje, com 23 anos, está gestante. Uma coisa rara, uma pessoa que foi moradora de rua não ser mãe cedo. (E<sub>1</sub>)*

Observam-se duas situações diferentes vivenciadas pelos educadores. A primeira de um garoto que, por uma brincadeira de mau gosto com uma arma, resíduos de munição atingiram seu olho. Por falta de cuidados acabou infeccionando e infelizmente causou-lhe a morte. A segunda situação destaca a superação de vida de uma adolescente que nasceu e cresceu nas ruas e ao receber uma oportunidade de mudar de vida, agarrou-a e fez valer a pena. Ao sair do CEVN não voltou mais para as ruas.

Na segunda situação, percebemos que o fato de uma criança ou um adolescente ter vivenciado a situação de rua, isto não significa que será condenado à marginalização. Ao contrário, é visível a força de vontade da protagonista da fala da E<sub>1</sub>.

A abordagem com os meninos (as) de ruas precisa acontecer de forma cautelosa, de modo a não ser invasiva. O diálogo é indispensável no processo de abordagem e em todo o trabalho dos Educadores Sociais. É através do diálogo que é gerada a relação de confiança entre educador e meninos (as) de ruas.

A nossa presença na rua já é uma intervenção na realidade, já é o início de um diálogo que deverá se manter durante todo o processo. Abertura ao diálogo significa querer ouvir o que o outro tem a dizer, não só por palavras, mas por gestos, pelo jeito de ser, de fazer, de



existir, não iremos à rua para propor, mas para dialogar (GRACIANI, 2009, p. 220).

Para Graciani (2009), o Educador Social precisa estar atento em ouvir o que os moradores de ruas têm a dizer, dialogar com os mesmos. O educador precisa estar disposto a ter uma visão da realidade através do olhar dos meninos de ruas.

O trabalho dos educadores da ONG Ruas e Praças, em diversos pontos da Região Metropolitana do Recife, é um trabalho que, inicialmente, se dá externamente, abordando crianças e jovens em situação de rua:

*A gente Trabalha sempre nas praças, onde tem menino, na Região Metropolitana do Recife, de terça a sexta, tanto pela manhã quanto a tarde estamos nas ruas.. Porque, o primeiro momento da rua é o da abordagem, do perceber, do conhecer e travar uma relação com os meninos/as até eles/as chegarem aqui. (E<sub>1</sub>)*

As praças são os lugares mais comuns que as crianças e os adolescentes costumam ficar, por isso os Educadores Sociais de Ruas procuram tais lugares para realizar seus trabalhos. Segundo E<sub>1</sub>, é fundamental que já no primeiro contato haja uma boa relação entre o educador e o educando. O diálogo é indispensável no primeiro contato com os moradores de ruas. Tomaz fala da primeira vez que os educadores chegaram até ele:

*Eles chegaram, conversaram, perguntaram se eu queria conhecer o sítio, pra deixar mais as drogas.*

Percebe-se, a partir da fala acima, que a abordagem dos educadores privilegia o trabalho desenvolvido pela ONG, na tentativa de eliminar a dependência das drogas, por meio de um Programa situado em uma zona rural, cujo propósito é o de oferecer oportunidade de recuperação para as crianças e adolescentes moradores de ruas. Entretanto, complementa:

*A gente não pega os meninos nas ruas e traz para cá, existe todo um processo. (E<sub>1</sub>)*

O processo que a Educadora se refere no trecho supracitado inicia-se com a participação nas reuniões realizadas pela ONG Ruas Praças na sede da Instituição em Recife/PE, nas quais são abordadas as consequências do uso das drogas, a importância da reintegração familiar, etc., e realizadas atividades voltadas para dança de rua, percussão, corte e costura etc. A partir do momento que os educadores percebem o

interesse dos menores em mudar de vida, estes são convidados para ficar frequentando o processo de dois dias no CEVN, em seguida para o de três dias e por fim para o processo de cinco dias. Os processos de dois e três dias servem como adaptação na instituição<sup>10</sup>.

Após a participação no processo de cinco dias pelos meninos de ruas, os educadores realizam reuniões para decidir quem está apto ou não para superar este processo. Os educadores levam em consideração alguns aspectos fundamentais: interesse do indivíduo, comportamento, compromisso, responsabilidade, força de vontade em deixar as drogas. Caso se considere que a criança superou esta fase, ela será atendida pelo CEVN que se localiza no assentamento Capim de Cheiro, em Caaporã.

Quando atendida pelo CEVN, a criança além de obedecer de todas as regras impostas pela referida instituição, deverá frequentar a escola. Essa é uma das condições para o indivíduo morar na instituição.

Procuramos saber dos educadores se, na opinião destes, as crianças e os adolescentes demonstram ter resistência em permanecer no CEVN.

*Eles gostam daqui. Eles querem ficar, mas às vezes não, mas é porque têm saudades de casa, da família, do ambiente que eles vivem lá. Lá dorme e acorda na hora que quer, não têm limites. Aqui você procura dar um limite. Às vezes eles pedem para ir embora. O trabalho é para desintoxicar, procurando inseri-los na sociedade novamente. Mas se eles acharem que podem ir, não é a gente que acha, é quando ele achar que já pode ir. (E<sub>2</sub>)*

EM<sub>2</sub> afirma que, apesar dos assistidos gostarem da moradia no CEVN, alguns desses sujeitos pedem para voltar para o Recife, na maioria das vezes retornam às ruas. O mesmo acontece na fala de E<sub>1</sub>.

*A questão da droga é uma questão muito forte. Então, têm alguns que não conseguem ficar neste lugar, por mais que seja um paraíso, por mais que tenha todo um conforto, mas, muitos não conseguem. Mas, uma grande maioria tem problemas para sair, porque querem permanecer no sítio. (E<sub>1</sub>)*

Nos depoimentos fica claro que os assistidos gostam da moradia no CEVN, no entanto, em alguns casos, as crianças e os adolescentes não se habituariam às regras, aos limites e aos compromissos impostos pela instituição e assim preferem voltar para as ruas. As drogas são outro fator que faz muitos adolescentes deixarem a instituição. A

---

<sup>10</sup> Abordado com mais ênfase no Capítulo 2

saudade da família também leva crianças e adolescentes a desistirem de moradia. Em alguns casos, como podemos observar na fala de E<sub>1</sub> acima, parte dos assistidos não quer voltar para casa, querem permanecer no CEVN.

Também procuramos saber se, quando os assistidos deixam a instituição vão para casa ou voltam para as ruas.

*Alguns conseguem voltar para a família, mas alguns voltam para as ruas. (E<sub>1</sub>)*

A reintegração familiar, propósito último do CEVN, nem sempre é alcançada pois alguns dos assistidos retornam para as ruas.

Com relação à comunidade na qual se encontra localizado o CEVN, esta já teve muita resistência em aceitar as crianças e os adolescentes oriundos das ruas.

*Hoje é uma conquista. Antes, quando os meninos chegaram era um preconceito, um racismo, diziam que eram da FEBEM<sup>11</sup> e aí não queria com que os meninos se juntassem. A comunidade vem para o sítio, a comunidade participa de todas as festividades, de todos os eventos. Os meninos têm acesso para irem na casa de um vizinho para conversarem. (E<sub>1</sub>).*

*É normal, agora a visão da comunidade é errônea, não são todos. Não sabem como é o trabalho, não conhecem. Bom seria que todos viessem aqui, feito você {referindo-se à pesquisadora}. (E<sub>2</sub>)*

O preconceito da comunidade em relação aos assistidos pelo CEVN já foi de tal ordem que houve a afirmação de que estes eram egressos da FEBEM. Este fato é decorrente de as crianças e adolescentes, na condição de egressos de rua, causassem medo à comunidade, pois esta se sentia ameaçada por práticas de violência e/ou roubo.

Hoje a comunidade já aceita melhor as crianças e os adolescentes, como podemos perceber E<sub>1</sub> enfatiza o envolvimento da comunidade nas atividades realizadas pelo CEVN.

E<sub>2</sub> destaca a relação da comunidade com os assistidos, considerando-a normal. Segundo ele, muita gente, por não conhecer o trabalho da instituição, tem uma visão errada dos assistidos. Para ele, uma maneira de mudar este pensamento é conhecendo o Programa, se envolver nos trabalhos realizados.

---

<sup>11</sup> Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor (FEBEM). Hoje denominada de Fundação CASA (Centro de Atendimento Sócio educativo ao Adolescente Menor). Instituição educativa que acolhe menores apreendidos por praticarem atos infracionais contra a sociedade.

### 3.4 Educação Popular

Um indivíduo é considerado popular se tiver interesse em lutar pelas causas da massa, é propor alternativas para solucionar os problemas das classes populares. “Ser popular é estar dirigido por princípios voltados àquelas maiorias.” (NETO, 2003, p. 53). Neste sentido, a classe de pessoas menos favorecidas, ou seja, a massa é considerada a classe popular.

A Educação Popular para Wanderley “(...) é aquela que é produzida pelas classes populares ou para as classes populares, em função de seus interesses de classe.” (WANDERLEY, 1980, p. 63). Ou seja, é uma educação que visa recorrer os direitos de seus integrantes que foram negados pelo Estado. “A Educação Popular surge como alternativa político-pedagógica para se confrontar com os projetos educacionais estatais que não representavam os interesses populares, ou que até se encaminhavam para negá-los.” (GRACIANI, 2009, p. 47).

Segundo a autora supracitada, em virtude de o Estado não apresentar políticas pedagógicas que fossem condizentes com a realidade das camadas populares, a Educação Popular surge para lutar contra tais propostas do Estado que não são de interesse das classes populares e reivindicar seus direitos.

Graciani (2009) entende a Educação Popular “como prática social, na medida em que se propõe a transformar, produzir, criar e elaborar um processo de conhecimento na sociedade.” (GRACIANI, 2009, p. 28). Para a autora, a Educação Popular é uma prática social comprometida com a produção e elaboração de um conhecimento e transformação da sociedade, recuperando “(...) compreensão da aprendizagem como trabalho humano, ação sobre a realidade, transformando-a e transformando o próprio aprendiz (...)” (BAPTISTA, 2011, p. 90).

Segundo Baptista (2011), a Educação Popular tem o interesse de fazer com que o homem, a partir da reflexão sobre suas ações, seja transformado e tenha uma nova ação, ou melhor, uma prática consciente. “(...) uma prática na qual os próprios agentes populares possam se perceber como produtores de conhecimento à medida que iniciam o processo de depuração e rearticulação do modo de pensar e agir, tornando a perspectiva de sua classe.” (MANFREDI, 1980, p. 56-57).

Um dos princípios da Educação Popular “(...) é seu compromisso com os setores populares, movimentos, organizações e instituições, numa perspectiva emancipatória, sendo seu eixo principal o atendimento aos excluídos, pobres e oprimidos” (KAY, 2007,

p. 105). Segundo a autora, numa perspectiva de transformação, a Educação Popular visa focar os excluídos, os pobres, apesar de está associada, também, com os movimentos populares, instituições e organizações. Afinal, todos esses setores têm em comum o público dos menos favorecidos.

A Educação Popular (...) engloba toda a educação que se destina às classes populares: a que se vincula ao movimento popular de forma direta, mas também a que é organizada pelo Estado, incluindo-se aí o ensino através do sistema de educação formal destinado aos adultos e também à população em idade escolar (PAIVA, 1980, p.80).

Segundo Paiva (1980), a Educação Popular envolve todos os indivíduos que são considerados de classes populares, desde os que estão diretamente ligados aos movimentos populares, até os que estão no processo de educação organizado pelo Estado, ou melhor, a Educação de Jovens e Adultos e a população em idade escolar.

A Educação Popular traz como princípio fundamental, não ser popular apenas por dirigir-se aos setores menos favorecidos, mas por identificar-se com as demandas e necessidades desses setores, sempre numa perspectiva transformadora e libertadora, buscando a construção de uma sociedade justa e democrática (KAY, 2007, p. 106).

Segundo Kay (2007), a Educação Popular não é considerada popular apenas por ter como público alvo os menos favorecidos, mas também por ter uma perspectiva de transformar seus sujeitos dando-lhes a oportunidade de expressão. “(...) é direito coletivo e individual que os membros de uma sociedade usufruam para tornarem-se sujeitos fazedores de história e de cultura” (KAY, 2007, p. 105).

Nesta perspectiva, a autora assevera que todos os sujeitos têm o direito de serem os próprios autores de suas histórias e cultura. Ainda segundo Kay (2009) outro princípio da Educação Popular “é o respeito à cultura, à diversidade e a construção da multiculturalidade que possibilite as trocas de concepções e de valores presentes nas diversas culturas e sociedade, como forma de ampliação e desenvolvimento humano” (KAY, 2009, p. 106).

Os integrantes da Educação Popular buscam diminuir o preconceito contra a diversidade cultural, exigindo o respeito. Segundo Kay (2009), esta educação é uma prática educativa que contribui para combater a discriminação, exclusão e as desigualdades sociais, “que atentam contra os direitos fundamentais do ser humano e ferem a sua dignidade” (Kay, 2007, p. 106).

#### 4- AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL

*“Mais do que nos grandes discursos ou nos conhecimentos elaborados, mais do que no refinamento ou na fundamentação teórica dos direitos da criança e do adolescente, essa pedagogia, ainda inacabada, alimenta-se no compromisso, na paixão e na coragem de arregaçar as mangas e fazer alguma coisa diante do risco permanente em que se encontram essas crianças.” (GADOTTI, 2009).*

Infelizmente ainda temos em nosso país e no mundo muitas crianças e adolescentes que vivem nas ruas a mercê da violência e do tráfico de drogas. O Estado parece não ter a preocupação de implantar políticas públicas que venham minimizar essa situação. Neste capítulo, procuramos descrever um pouco sobre a situação de crianças e adolescentes que vivem nas ruas, objetivando justificar e compreender a condição de vida de nossos sujeitos de pesquisa.

##### 4.1 As Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social: o contexto

Por causa da má distribuição de renda existem muitas famílias na miséria. Enquanto poucos têm muito, muitos têm pouco e em sua maioria, esse pouco não dá para suprir as necessidades básicas do indivíduo.

[...] a ordem econômica mundial, constata-se que existe uma divisão marcante entre uma relativamente pequena na faixa populacional rica, ou com acesso a muitos benefícios sociais e tecnológico, e a maior parte da população mundial, que vive na miséria ou à beira dela, sem direito ou participação nos benefícios sociais. (GRACIANI, 2009, p. 85).

Segunda a autora, a população rica, que é a minoria, é a classe que usufrui do privilégio de desfrutar dos benefícios sociais e tecnológicos, enquanto a classe que está abaixo da pobreza, não tem acesso a esses benefícios.

Em busca de melhores condições de vida, pessoas de origem rural, migram para as grandes cidades em busca de oportunidades de trabalho. Com o grande fluxo de imigrantes nas grandes metrópoles surgem as favelas, hoje denominadas de comunidades. Na maioria das vezes, essas pessoas não conseguem oportunidades, vivendo assim, em situações desumanas. “(...) a migração é principalmente resultado da

expulsão do campo, realizada diretamente com a força dos latifundiários ou indiretamente pela falta de possibilidades de continuar a ser um pequeno agricultor.” (GRACIANI, 2009, p. 90).

Segundo Graciani (2009), as pessoas de origem rural, muitas vezes, deixam o campo para migrarem para as grandes cidades, por não encontrarem possibilidades de melhores condições de vida no campo. Cansados de tanto trabalhar e continuarem na mesma situação de pobreza, decidem se aventurarem em melhores condições de vida nos grandes centros urbanos.

Sem poder dar melhores condições de vida a seus filhos, os pais são obrigados a colocá-los para contribuírem com a renda familiar.

As famílias das crianças em situação de rua encontram-se nas áreas periféricas dos centros urbanos, vivendo na maioria das vezes em condições precárias de subsistência, sem condições de garantir o sustento de seus membros. As necessidades e carências familiares fazem, muitas vezes, as crianças e adolescentes procurarem, nas ruas das grandes cidades, meios para a sua sobrevivência e para a sobrevivência do grupo familiar. (MENEZES e BRASIL, 1998, p.04).

Segundo Menezes e Brasil (1998), são nas periferias das grandes metrópoles que as crianças e adolescentes em situação de rua vivem com suas famílias. E vivem em situações desumanas. No entanto, por viverem em situações tão precárias, as crianças e os adolescentes buscam nas ruas algumas soluções para contribuírem com a sua sobrevivência e de sua família.

Outro fator que leva muitas crianças e adolescentes às ruas é a desestruturação familiar, consequência também da má distribuição de renda. Esta desestruturação familiar, em sua maioria, é causada pelo desemprego, pelo alcoolismo, pelas drogas, etc. Muitas crianças e adolescentes são atraídos pela “liberdade”.

[...] os desajustamentos familiares são apontados como causas que podem explicar as condutas desviantes principalmente das crianças e adolescentes. A separação dos pais ou a “ausência” da mãe (do pai) são os fatores que mais influencia no comportamento desviante dos filhos. (MEDEIROS *apud* GRACIANI, 2009, p.127).

A desestruturação familiar traz graves consequências, principalmente para os filhos. Podemos dizer que, os pais são as referências dos filhos, se o pai e/ou a mãe vivem em desarmonia, vai refletir no comportamento das crianças e na violência doméstica. Ao tomarem o rumo das ruas, muitas crianças e adolescentes se sentem mais

acolhidos e por isso não se identificam com a escola, preferindo assim, frequentarem as ruas que a escola.

Na sua maioria, formada de menores provenientes de famílias de classe baixa, algumas estudaram, outras não, e geralmente estão na rua para sobreviver e subsistir, por meio de trabalhos informais, vivendo num emaranhado cenário de situações confusas, complexas e violentadas. (GRACIANI, 2009, p. 97).

Portanto, pode-se dizer que, quem vive nas ruas tem que aprender a lutar pela sobrevivência. Meninos são obrigados a se tornarem homens e meninas a se tornarem mulheres, ou seja, são crianças que se tornam adultas precocemente. “Os meninos (as) de e na rua<sup>12</sup>, desde muito cedo, têm sua vida condicionada a lutar pela sobrevivência.” (GRACIANI, 2009, p.125). Sendo assim, compreendemos que crianças e adolescentes são verdadeiros guerreiros, assumindo a responsabilidade, através da necessidade, de garantirem seu sustento e até de sua família.

Para conseguirem sobreviver nas ruas, esses menores são obrigados a trabalhar, a pedirem esmolas, expostos à violência e a discriminação. Na maioria das vezes, o pouco dinheiro que ganham usa para manter o vício pelas drogas, vivendo assim, em condições desumanas e de extrema pobreza. “As crianças, adolescentes e jovens na rua são obrigados a aceitar qualquer emprego ou “bico”, simplesmente para garantir a sobrevivência imediata.” (GRACIANI, 2009, p. 135).

Em outros casos, crianças e adolescentes são obrigados, pelas famílias, garantirem o sustento de casa. Dando origem a exploração do trabalho infantil. Segundo Graciani (2009) além de destruir fisicamente, o trabalho precoce também destrói emocionalmente.

As crianças e adolescentes moradoras de ruas estão mais expostas e por isso, mais vulneráveis à violência. “Quando estão na rua, essas crianças são efetivamente desamparadas da proteção familiar e da comunidade, tornando-se, em consequência, vulneráveis à exploração por terceiros e a uma variedade de perigos físicos e morais.” (Apostila de Alexandre p. 5). Muitas delas fugiram de casa por causa da violência, tenha sido ela física, psicológica ou sexual. São menores indefesos, expostos a todos os tipos de maus tratos. Assim afirma Faleiros e Faleiros (2008) sobre a violência física:

---

<sup>12</sup>De rua, refere-se aos indivíduos que são moradores de ruas. Na rua, refere-se aos indivíduos que apenas frequentam as ruas, mas retornam para casa, isto é, passam o dia na rua, mas voltam para suas casas.



A violência física contra crianças e adolescentes é uma relação social de poder que se manifesta nas marcas que ficam principalmente no corpo, machucando-o, causando-lhes lesões, ferimento, fraturas, queimaduras, traumatismo, hemorragias, escoriações, arranhões, mordidas, equimoses, convulsões, inchaços, hematomas, mutilações e até a morte (FALEIROS e FALEIROS, 2008, p.35).

Segundo Faleiros e Faleiros (2008), existem vários tipos de violência física, são algumas delas: surras, tapas, privações de se alimentar, de beber, trabalho forçado e inadequado à idade e ao desenvolvimento, assassinato, violência sexual, entre outros. Esse tipo de violência causa medo e terror na vítima. Na maioria das vezes são acobertadas pelo silêncio, pois os passivos da violência não têm coragem de denunciar, porque, em geral são chantageados pelos agressores, o que constitui também a violência psicológica:

A violência psicológica é uma relação de poder desigual entre adultos dotados de autoridade e crianças e adolescentes dominados. Esse poder é exercido através de atitudes de mando arbitrário (“obedeça porque eu quero”), de agressões verbais de chantagens, de regras excessivas, estigmatização, desqualificação, rejeição, isolamento, exigência de comportamentos éticos inadequados ou acima das capacidades e de exploração econômica ou sexual. (FALEIROS e FALEIROS, 2008, p.36).

Segundo Faleiros e Faleiros (2008), esse tipo de violência é muito comum, mas menos vista como violência. A violência psicológica, diferente da violência física que deixa marcas no corpo, provoca traumas psicológicos, destrói a autoimagem, causando mudanças no comportamento da criança e/ou do adolescente. Destrói a autoestima levando o indivíduo à depressão.

Em decorrência da violência psicológica, o violentado apresenta comportamentos de desatenção, dificuldade de se socializar com outras pessoas e até mesmo com crianças de sua idade, apresenta também muita agressividade.

Já a violência sexual:

Violência sexual é o abuso delituoso de crianças e adolescentes, em especial de sua sexualidade em desenvolvimento. É considerada um crime na nossa legislação. O poder arbitrário do adulto agressor sobre as crianças e adolescentes destrutura a identidade da pessoa vitimada, caracterizando-se como um comportamento perverso. (FALEIROS e FALEIROS, 2008, p. 38).

Segundo Faleiros e Faleiros (2008), a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma violação dos direitos humanos, uma relação de poder, causando, na pessoa vitimada, alterações no seu desenvolvimento psicológico, moral, sexual. Quem sofre de violência sexual, sofre também de violência física e psicológica. . “Às vezes, a violência pode levar ao suicídio, quando as exigências ou o abandono se tornam insuportáveis”. (FALEIROS e FALEIROS, 2008, p.36).

Algumas pessoas, segundo Faleiros e Faleiros (2008) não suportam tamanha violência, e se entregam ao desespero e, em alguns casos, até chegam ao suicídio. As crianças e adolescentes, que vivem nas ruas sofrem de todos esses tipos de violências que foram mencionados. Em alguns casos por familiares e em outros por estranhos, que se aproveitam da inocência desses sujeitos. “Além das violências familiares, falta de espaço comum, eles são obrigados e forçados a trabalhar, em vez de brincar ou frequentar a escola.” (GRACIANI, 2009, p. 139).

Os menores que vivem nas ruas não têm o privilégio de aproveitarem sua infância como qualquer outra criança de sua idade. Muitas vezes não frequentam uma instituição escolar porque são obrigados a contribuir ou até mesmo garantirem o sustento da família. “O menino (a) de e na rua não é fruto, mas vítima da marginalização, produto da sociedade que a gerou, para quem ela não tem projeto de vida algum, no sentido de crescimento humano.” (GRACIANI, 2009, p.101).

Portanto, Graciani (2009) não vê as crianças e adolescentes de e na rua, como marginais, mas como sujeitos vítimas de uma sociedade que as desprezam. A ausência do Estado tem ocasionado marcas profundas nesses indivíduos. O Estado está de olhos vendados para esta situação lastimável, enquanto as crianças, adolescentes e todos que moram e vivem nas ruas mendigam o pão, o respeito, o reconhecimento como cidadãos de direitos e deveres.

#### **4.2 Narrativas sobre os sujeitos desta pesquisa:**

As narrativas aqui foram construídas a partir das entrevistas e observações das crianças assistidas pelo CEVN. Os nomes são fictícios, tudo mais é o resultado da experiência de vida delas.

##### **Tomaz: Das drogas à escola**

Tomaz tem 15 anos, filho de pais evangélicos. Seu pai é trabalhador e sua mãe é dona de casa e tiveram 12 filhos, sendo cinco mais novos que Tomaz, o único a fugir de casa para morar na rua. Ele diz que seus pais não lhe batiam e que fugia de casa porque tinha vontade. Segundo ele:

*Eu ficava na rua e voltava para casa. Mas às vezes eu não voltava não, tinha vez que eu dormia lá (rua), ficava uma semana, quatro dias, dois dias. Eu fugi de casa porque eu quis ir pra rua, era safadeza.*

A primeira vez que fugiu de casa passou apenas um dia e uma noite nas ruas. Arrependeu-se e teve vontade de voltar para casa. Ao chegar em casa, seus pais deram conselhos para ele não voltar mais para as ruas. Para Tomaz, a melhor coisa de estar nas ruas é a possibilidade de ter muitos amigos. No entanto:

*Mas têm muitos colegas que não dão muito valor a pessoa, muito traidor, essa é a pior.*

Embora Tomaz recebesse conselhos de seus pais para que não mais voltasse para as ruas, ele começou a fugir de casa com mais frequência e cada vez passava mais tempo fora de casa. Durante o tempo que morou nas ruas:

*Eu trabalhava no sinal e ajudava as pessoas na feira. Eu tomava banho no banheiro que tinha lá, pegava roupa na casa de um colega. Tinha vez que eu dormia na casa do meu colega, eu só dormi uma vez na rua.*

Embora Tomaz tivesse até casa de amigos para dormir, a distância da família traz muita solidão para ele e por esse motivo sua experiência como morador de rua:

*Foi difícil eu me acostumar porque batia a saudade do meu pai, da minha mãe e dos meus irmãos.*

A saudade fez com que Tomaz voltasse várias vezes à sua casa, mas sempre retornava às ruas. Apenas seu pai ia até o local (rua) onde ele estava para tentar levá-lo para casa. No entanto:

*Eu voltava, mas eu passava um tempo em casa e depois voltava prá(s) ruas.*

A primeira vez que Tomaz foi atendido por um grupo de educadores, foi pela ONG Ruas e Praças. Neste primeiro contato:

*Eles (educadores) chegaram, conversaram, perguntaram se eu queria conhecer o sítio, pra deixar mais as drogas<sup>13</sup>. No começo não deu vontade não, porque eu não sabia onde era.*

Mesmo com a possibilidade de se afastar das ruas e das drogas e se matricular na escola, Tomaz resistiu porque o lugar era desconhecido, mas após algumas conversas, ele começou a frequentar o processo de dois dias, depois o processo de cinco dias e por fim a moradia<sup>14</sup>.

Quando Tomaz chegou pela primeira vez no Centro Educacional Vida Nova, achou a instituição muito agradável, concluindo que, está naquele lugar seria melhor que estar nas ruas sem amparo. Hoje continua achando que a instituição tem algo melhor a lhe oferecer:

*Porque estou estudando e que a diferença de morar no sítio e morar na rua é porque na rua eu usava drogas e no sítio não uso.*

Ele afirma que quando sair do CEVN não quer mais saber de rua, quer ficar em casa. Por várias vezes Tomaz teve vontade de voltar para casa porque teve saudades dos pais e dos irmãos.

Tomaz diz que quando crescer quer trabalhar na área de informática e que seu sonho é terminar os estudos, arrumar um bom emprego e ajudar seus pais e seus irmãos, ele espera que quando seu sonho se realizar seus pais estejam vivos.

Arrepende-se de muitas coisas que já fez, principalmente:

*Porque eu usava drogas e porque eu deixei a escola, eu já usei maconha e cola.*

Tomaz já passou por muitos constrangimentos, situações difíceis, não aproveitou sua infância, nem sua família, por isso:

*Quando eu sair daqui eu quero é ficar em casa, eu não quero nem saber mais de rua.*

---

<sup>13</sup> Fala já mencionada no Capítulo 3.

<sup>14</sup> Abordado com mais ênfase no Capítulo 2.

Está estudando na Escola Municipal José Maria Bandeira o 4ºano do Ensino Fundamental. Gosta de estudar, se sente bem na sala de aula, deixa bem claro que a escola é um lugar para estudar e não para fazer bagunça.

### **Rodrigo: da revolta com a violência familiar ao aconchego no sítio**

Rodrigo tem 16 anos, seu padrasto trabalha como ajudante de pedreiro e sua mãe é dona de casa. Seus pais tiveram dois filhos, Rodrigo é o mais velho. Seu padrasto tem três filhos, totalizando sete pessoas morando na mesma casa. Rodrigo foi o único dos filhos a morar na rua. Segundo o adolescente o motivo que o levou a morar nas ruas foi porque:

*O meu padrasto bebeu pítu e foi bater na minha mãe. Aí quando foi outro dia ele bateu na minha mãe de novo, aí eu não gostei, aí fui lá em cima, peguei o celular e liguei para a polícia, aí a polícia veio e prendeu ele, aí minha mãe foi soltar ele, ela ficou com pena. Aí toda vez que meu padrasto batia na minha mãe eu saía de casa.*

Toda vez que seu padrasto batia em sua mãe, Rodrigo ficava furioso e ia para as ruas. Quando o adolescente estava nas ruas ele se arrependia de ter saído de casa, mas não voltava:

*Porque eu não queria não, ainda tava com muita raiva e porque eu ficava muito assustado com o meu padrasto.*

SegundoRodrigo, a primeira vez que ele fugiu de casa para ficar nas ruas passou dois meses fora. Ele vagava por vários bairros, tais como: Centro de Recife, Boa Viagem e Derby, entre outros. Ele morava em Jaboatão dos Guararapes. Depois desse tempo fora de casa, Rodrigo finalmente resolve voltar para casa. Ao chegar sua mãe pediu-lhe que não fugisse mais para as ruas.

Rodrigo não tem uma boa relação com seu padrasto:

*Eu não sou muito bem com ele não, sou mais bem com a minha mãe. Hoje quando eu volto, eu volto pra casa. Mas se eu não gostar dele eu volto para casa de minha tia.*

Para Rodrigo, além do frio e do medo, o problema de morar nas ruas é a violência, tanto praticada pelos os que não moram nas ruas, como a praticada pelos moradores de ruas, que disputam lugares para aconchego, quanto pelos policiais. Rodrigo afirma ter sofrido agressões praticadas pelos policiais:

*Os homens (policiais) deram um pau em mim, deu um pau do caramba em mim, (...) essa foi a pior, os policiais jogaram spray de pimenta no meu olho, aí eu tive que pegar água.*

Nas ruas Rodrigo não confia nem nos policiais:

*Na rua também tem policial que não presta não, às vezes param a pessoa e se o cara não se ligar, aí ele coloca o negócio (droga) no bolso do cara. Aí ele bota no carro e leva, ou ele mata ou leva para a delegacia. E se ele pegar o cara sozinho tarde da noite, ele pega e mata, ele arrasta para um matagal onde não tem ninguém e mata.*

Para sobreviver nas ruas Rodrigo procurava meios para se sustentar, tanto para se alimentar, se vestir, dormir, quanto para se proteger das maldades das pessoas:

*Eu comprava rodo e limpava carro. Quando eu limpava os carros, eu juntava dinheiro e comprava roupa e ia ajuntando dentro de uma bolsa. Eu dormia na rua mesmo. Tinha muita gente dormindo no mesmo lugar, mas eu saía e dormia no canto. Tinha muito medo que alguém fizesse alguma coisa comigo.*

Segundo Rodrigo, não teve muita dificuldade em se adaptar às ruas, pois, para ele era melhor estar nas ruas, apesar da humilhação, que ver seu padrasto espancar sua mãe. Durante sua moradia nas ruas, ninguém de sua família foi até onde o mesmo se encontrava para levá-lo para casa, apenas:

*Só quando eu já estava sendo atendido pelo CEVN.*

A razão pela qual Rodrigo voltava para casa não era porque algum parente seu ia buscá-lo, mas porque estava cansado de estar nas ruas.

Antes de Rodrigo frequentar o CEVN foi atendido por um grupo de Educadores do Pequeno Nazareno<sup>15</sup>. Para ele, apesar dessa segunda instituição ter uma estrutura mais agradável, com piscina e espaço amplo, preferiu ficar no CEVN porque já tinha

---

<sup>15</sup>Organização Não Governamental que realiza trabalhos com crianças e adolescentes em situação de rua nas cidades de Fortaleza/CE e Recife/PE.

conhecimento com alguns meninos que também estavam sendo atendido pela referida instituição.

Ao chegar pela primeira vez no CEVN Rodrigo se sentiu bem acolhido e de que foi a melhor coisa ter aceitado a proposta dos educadores de sair das ruas:

*Aquí é melhor que a rua, eu prefiro aquí mesmo. A vida aquí é boa, come, dorme, toma banho, aquí tô (sic) estudando.*

Rodrigo, quando retorna à sua casa no processo de reintegração familiar, às vezes dá vontade de ir para as ruas, mas resiste. Por sentir muita falta de sua mãe, já pensou em ir embora. Ele só ainda não foi porque sabe que, se for, não vai resistir muito tempo sem ir para as ruas.

Ele quer trabalhar como motorista de ônibus e seu sonho é:

*Trabalhar, construir uma casa e ajudar minha mãe e meu padrasto.*

Está estudando o 3º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal José Maria Bandeira. Ele diz que não se arrepende de nada que fez. Já usou drogas (maconha e cola).

### **Vitória: da confusão ao sonho**

Vitória tem 12 anos, é a mais nova de cinco irmãos, dos 05 filhos do primeiro casamento de sua mãe. Segundo ela, seu padrasto trabalha e sua mãe também. Lembrando que sua mãe não tem nenhum filho com seu padrasto. Em uma das entrevistas, Vitória conta que fugiu de casa:

*Para ficar brincando, só para brincar.*

Em outra entrevista, com a mesma pergunta, Vitória por um instante fica em silêncio, gesticula a cabeça dizendo que não lembra o motivo que a levou às ruas, em seguida fala:

*Eu nunca fugi da minha mãe não.*

Apenas um de seus irmãos não foi atendido pelo CEVN. O motivo que levou ela e sua irmã a serem atendidas pelo CEVN:

*Porque eu ficava lá na minha casa, aí eu ajudava a minha mãe, aí ela ia pro trabalho, aí ficava eu e Patrícia sozinha em casa, aí todo mundo falava que minha mãe saía e deixava nós dentro de casa (sic).*

Dois irmãos de Vitória já moravam no CEVN. Para não ficarem sozinhas em casa, pediram à mãe para morar também no sítio e assim ficar perto de seus irmãos. Mas assim que elas chegaram ao sítio, não demorou muito e seus irmãos voltaram para casa.

Seus irmãos saíam com frequência de casa e sua mãe ficava preocupada e por isso, ligou para a instituição pedindo que seus filhos fossem atendidos pela mesma.

Vitória gosta de estar nas ruas porque faz muitos amigos, embora admita que:

*Tem umas que gostam de arrumar brigas.*

Ela se sentiu bem e gostou quando chegou pela primeira vez no CEVN, mas:

*Eu fiquei bem pouquinho triste porque fiquei com saudades de minha mãe.*

A distância da mãe fez com que Vitória ficasse entristecida, causando, muitas vezes, a vontade de ir embora. Só ainda não foi embora porque seus irmãos pedem para ela não ir, porque sua mãe trabalha e não tem com quem ela ficar em casa.

Está estudando na Escola Municipal José Maria Bandeira o 3º ano do Ensino Fundamental. Vitória não foi aprovada no ano passado (2011). Seu desejo é, quando crescer, ter um emprego para ajudar sua mãe, seu padrasto e seus irmãos. Seu sonho é ser médica.

## **ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES**

Observa-se que cada um dos nossos pesquisados tem uma história diferente. Os motivos que os levaram às ruas foram diversificados. Um por causa da violência doméstica, outro apenas porque teve vontade e a outra não conseguimos identificar suas razões, pois em determinado momento dizia que saía de casa para “ficar brincando nas ruas” e em outro momento dizia que “nunca tinha saído de casa”.

Em relação ao Tomaz, consideramos que, se um sujeito vive bem com sua família, não há motivos para deixá-la para morar nas ruas. Mesmo que ele afirme que fugia de casa por “safadeza”, não compreendemos deste modo, pois, como podemos



observar, Tomaz vem de uma família numerosa e de classe economicamente desfavorecida, provavelmente sem diálogo e sem estrutura, não correspondendo às necessidades dele, desestabilizando-o e contribuindo para que ele procurasse nas ruas o que não tinha em casa. Deste modo, ele prefere as adversidades ao ambiente familiar.

Já em relação ao Rodrigo, percebemos que a violência doméstica foi o fator principal para que ele preferisse morar nas ruas. O fato de sua mãe ter preferido ficar com seu padrasto, apesar da violência é motivo de indignação para o adolescente, uma vez que com a liberdade de seu padrasto, toda a família estava sujeita a atos de violência outras vezes.

O sentimento de raiva juntamente com o de revolta impediu que Rodrigo retornasse para casa, preferindo viver nas ruas a ter que ver seu padrasto espancando sua mãe e não poder fazer nada, pois era ainda uma criança. Como afirma Graciani (2009):

[...] o menino (a) de rua nem sempre quer e deseja voltar para o seio de sua família, por diferentes razões, das quais as mais comuns se situam na área da desagregação familiar, na violência doméstica, nos abusos sexuais e nas condições econômicas precárias. (GRACIANI, 2009, p. 196).

As crianças e/ou os adolescentes, por sofrerem inúmeras situações de violência dentro de suas casas, optam por morar nas ruas. Ainda que algumas possam sentir vontade de voltar para casa, a lembrança do sofrimento é mais forte do que o medo de se arriscar nas ruas.

Vitória, a pequena entrevistada, tem resistência em falar de suas saídas de casa. Ao mesmo tempo em que diz não fugir de casa, afirma que ela e sua irmã dormiam na casa de amigas.

Para dois dos sujeitos desta pesquisa, os aspectos negativos de morar nas ruas são as falsas amizades, os amigos traidores. Um dos pesquisados dá ênfase a violência praticada pelos policiais. Mesmo reconhecendo que existem esses aspectos negativos, admitem que a facilidade de fazer muitas amizades seja um fator positivo.

Para os adolescentes que viviam nas ruas a forma de sobrevivência era a mesma, ou seja, tomavam banho em banheiros públicos, compravam alimento com o dinheiro que arrecadavam nos semáforos, dormiam nas ruas.

O trabalho infantil ainda é muito comum entre as crianças e os adolescentes. Esta é uma das poucas opções que encontram para sobreviver. A condição de pedinte nos semáforos é uma alternativa para esses sujeitos.

Ter as ruas como moradia é ter certeza que correm riscos, que estão sujeitos à violência e que serão alvos de preconceitos.

As crianças e os adolescentes que moram nas ruas enfrentam momentos de constrangimentos, além de serem maltratados e de viver na incerteza de sobre o dia seguinte: se estarão vivos, se terão como se alimentar ou como se vestir. A dormida é sempre um momento difícil, pois além do frio que é constante, ficam mais vulneráveis às atitudes de crueldade de seres que também estão nas ruas.

A falta de proteção familiar faz com que os adolescentes retornem de vez em quando às suas casas. No caso de Tomaz, por muitas vezes seu pai ia buscá-lo para casa, ele voltava, mas quando matava a saudade da família, logo voltava para as ruas. Já no caso de Rodrigo, ele voltava para casa não porque algum parente ia buscá-lo, mas porque o mesmo já estava cansado de estar nas ruas. Porém não passava muito tempo em casa, pois quando seu padrasto espancava sua mãe ele retornava às ruas. O adolescente Tomaz parece ter um vínculo maior com sua família que o adolescente Rodrigo.

Mesmo os Educadores Sociais trazendo uma proposta de vida no CEVN, Tomaz teve resistência em aceitar o convite dos educadores. Esta resistência se deu pelo fato de o adolescente não conhecer a instituição. Para Rodrigo, apesar de não saber onde estava localizado o CEVN, foi mais fácil aceitar o convite, pois já conhecia alguns meninos que também estavam sendo assistidos pelo Programa. No caso de Vitória, sua inserção na referida instituição tem a ver com a necessidade de ficar perto de seus irmãos.

Todos os pesquisados gostaram ao chegar pela primeira vez no CEVN. Afirmam ainda que a vida na referida instituição é mais agradável que viver nas ruas, pois sendo atendido pelo CEVN, apesar de ter uma rotina repleta de regras, tem refeição na hora certa, dormida segura, higiene e oportunidade de estudar e mudar de vida.

Todos os adolescentes pesquisados admitiram que, em algum momento, tiveram vontade de voltar para casa, mas isso acontece porque sentem saudade de suas famílias.

Mesmo sentindo falta da família, Tomaz e Rodrigo afirmam que só retornarão para suas casas quando estiverem preparados, pois segundo eles, não adianta voltar agora e correr o risco de ir para as ruas novamente. Para eles será tempo perdido estar no CEVN, caso voltem para as ruas.

Todos os sujeitos dessa pesquisa têm sonhos. São adolescentes diferentes, mas com o mesmo desejo: o de crescer e ter um bom emprego para ajudar a família.

Como já mencionado, o adolescente Rodrigo fugiu de casa por causa da violência doméstica. Apesar de afirmar que foi a brutalidade de seu padrasto a principal causa condição de vida nas ruas, mesmo assim tem o desejo de ajudá-lo.

O propósito de todos os adolescentes é um dia sair do CEVN e nunca mais deixar suas casas para mora nas ruas e aproveitar o tempo perdido com suas famílias.

## **5- PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: a visão dos sujeitos da pesquisa**

*“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2002).*

Não há dúvidas da situação social que se encontram os professores. Por esta razão, o ensino encontra-se em situação crítica em função da precariedade que envolve a prática docente. Como consequência, a aprendizagem deixa a desejar. Neste capítulo, procuramos abordar como acontece o Processo de Ensino e Aprendizagem de crianças e adolescentes que já moraram nas ruas. O objetivo deste capítulo é mostrar que o fato de uma criança e/ou um adolescente ter vindo das ruas não significa que terá menos capacidade de aprender. Acreditamos que todos são capazes de aprender independentemente de classe social.

### **5.1 PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: a questão escolar de menores assistidos**

Segundo Freire (1997), o processo de ensinar implica em educar, assim como educar implica em ensinar. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2002, p.25). Neste sentido, o processo de ensinar cria possibilidades para facilitar a aprendizagem do sujeito.

Já na concepção de Iturra, ensino é “(...) a prática de transferir conhecimento provocados ou acreditados pela população que educa à população que se estima desconhecer as formas, estruturas e processos que ligam as relações sociais com as coisas (...)” (ITURRA, s/a, s/p.)

Para o autor, o ensino consiste na transmissão de conhecimento de um sujeito que tem esse conhecimento para o que ainda não tem. “O conhecimento é a construção ativa de pensar, e não a assimilação passiva da informação, a mera reprodução.” (Fagali e Vale, 2009, 17).

O Processo de Ensino e Aprendizagem “é composto de duas partes: ensinar que exprime uma atividade e aprender, que envolve certo grau de realização de uma determinada tarefa com êxito.” (SANTOS, 2007, s/p).

A Aprendizagem Significativa, como o próprio nome já diz, é aquela que vem dar significado, aquela que faz com que o aluno reflita sobre o aprendido e que tenha

sentido para esse sujeito. “A Aprendizagem Significativa é aprendizagem com significado, compreensão, sentido, capacidade de transferência.” (MOREIRAS/a, s/p.).

A Aprendizagem Mecânica, ao contrário da Significativa, é aquela que não se preocupa com a importância desse conteúdo para vida do sujeito, não visa o aprender e o refletir, mas o memorizar. A partir do momento que o sujeito apenas memoriza com o tempo esquece. A Aprendizagem Mecânica “(...) caracteriza-se pelo escasso número de relações que podem ser estabelecidas com os esquemas de conhecimento presentes na estrutura cognitiva e, portanto, facilmente submetida ao esquecimento.” (ZABALA, 1998, p.38).

A Aprendizagem Construtivista possibilita ao aluno a construção de conhecimento. Favorece ao educando a oportunidade, a partir de um conhecimento já adquirido, fazer própria interpretação, elaborando seus próprios conceitos e conclusões. Para que esta ação aconteça é necessário que o professor utilize de métodos que venham provocar o aluno a pensar e procurar respostas para tal situação dada pelo professor. A Aprendizagem Construtivista relaciona-se com a Aprendizagem Significativa.

Na Aprendizagem Tradicionalista, ao contrário da construtivista, não se preocupa com possibilitar o aluno na construção de novos conceitos. Não procura fazer com que o aluno reflita sobre o estudado. Aproxima-se da Aprendizagem Mecânica.

Existem diversas correntes psicológicas de aprendizagem e que não há consenso entre elas, mas, segundo Zabala (1998), há uma série de princípios que estas correntes estão em acordo:

[...] as aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes; correspondem em forma como se aprende e o ritmo da aprendizagem variam segundo as capacidades, motivações e interesses de cada um dos meninos e meninas; enfim, a maneira e a forma como se produzem as aprendizagens são o resultado de processos que sempre são singulares e pessoais. (ZABALA, 1998, p.34).

Neste sentido, segundo o autor, o processo de aprendizagem ocorre de acordo o momento de cada pessoa que está neste processo. Levando em consideração as capacidades, os conhecimentos prévios de cada indivíduo, respeitando as necessidades e as condições do aprendiz.

[...] é difícil conhecer os diferentes graus de conhecimento de cada menino e menina, identificar o desafio de que necessitam, saber que ajuda requerem e estabelecer a avaliação apropriada para cada um deles a fim de que se sintam estimulados a se esforçar em seu trabalho. Mas o fato de que custe não deve nos impedir de buscar meios formais de intervenções (...). (ZABALA, 1998, p.36).

Apesar de o autor recomendar que, nós educadores, devemos observar, identificar e ensinar respeitando a diversidade e as necessidades de cada aluno, reconhece que não é tarefa fácil identificar os diferentes graus de conhecimento de cada aprendiz. Embora seja demorado e difícil, o autor recomenda que não deixemos de tentar e “(...) nos permitam dar uma resposta adequada às necessidades de todas e cada um de nossos alunos.” (ZABALA, 1998, p.36).

Na medida em que o educador consegue identificar os níveis de aprendizagem de seus educandos e começa a trabalhar a partir de cada necessidade específica, facilita a aprendizagem de seus alunos.

Para uma criança e/ou adolescente que mora ou morou nas ruas, frequentar uma instituição escolar é uma tarefa difícil, pois terá que se habituar às regras, aos padrões que a sociedade tem como certo. Assim afirma Graciani (2009):

[...] os meninos de rua não se encontram ainda, em geral, preparados para o convívio escolar, com os respectivos deveres de frequência, ordem e higiene, dentre outros. A integração forçada e prematura leva a uma rejeição maior e dificulta ou até impede a escolaridade, devido à frustração, estigmas e rejeição que o processo escolar provoca nesta fase extremamente delicada da emancipação. (GRACIANI, 2009, p. 196).

Segundo Graciani (2009), por esses sujeitos não estarem dentro dos padrões que a sociedade impõe, a entrada e a permanência na escola são mais difíceis que as crianças e adolescentes que não experimentaram esta situação de rua, a qual gera o preconceito, afetando as condições emocionais desses indivíduos, deixando-os cada vez mais excluídos da sociedade, em um círculo vicioso. Procuramos saber se os sujeitos dessa pesquisa estudavam antes de serem atendidos pelo CENV, todos disseram que sim. Buscamos informações do que eles achavam da escola que estudavam, eles responderam:

*Era bom, mas só que tinha uns meninos que quando ia comer o lanche, jogava nos outros, mas eu só deixei a escola lá porque eu vim para cá. (Vitória)*

*Eu gostava da escola. Depois eu não quis mais ir pra escola e fiquei só na rua. Eu me arrependo porque eu deixei a escola. (Tomaz)*

*Lá era bom, eu gostei, era perto de casa, mas deixei de ir porque eu ficava muito tempo nas ruas. Eu me arrependo de ter deixado a escola. (Rodrigo)*

Como se pode observar, todos gostavam da instituição escolar em que estudaram antes de serem atendidos pelo CENV. Tomaz, apesar de afirmar que gostava da escola,

não teve mais vontade de frequentá-la porque preferia estar nas ruas. Rodrigo também diz que gostava da escola, mas desistiu de frequentá-la porque passava mais tempo nas ruas que em casa. Tanto Tomaz quanto Rodrigo afirma que se arrependem de ter largado a escola. Atualmente os três adolescentes estudam o Ensino Fundamental I na Escola Municipal José Maria Bandeira, localizada no assentamento Capim de Cheiro/Caaporã e, segundo os próprios sujeitos, gostam da escola na qual estão estudando.

Procuramos saber, com os educadores do CEVN a respeito do gosto dos nossos pesquisados em relação à frequência escolar.

*Eles gostam, eles não perdem por nada. Esses três se embelezam, eles têm prazer em ir para a escola. (E<sub>1</sub>)*

EF<sub>1</sub> afirma que os assistidos pesquisados são assíduos nas aulas, não oferecendo resistência para frequentar a sala de aula.

*Eles gostam de ir para a escola. Tem dia que acordam, e não estão com vontade de ir. Aí a gente conversa: rapaz, tu tá aqui tem que ir para a escola. Quando a gente conversa, aí ele vai tranquilo. Às vezes quem tem preguiça é Vitória, mas Tomaz e Rodrigo quase nunca. (E<sub>2</sub>)*

Na fala supracitada, E<sub>2</sub> deixa claro que, apesar dos assistidos gostarem de irem à escola, algumas vezes estão indispostos. Os educadores ao perceberem essa indisposição de ir para a escola dialogam com os mesmos, enfatizando que a condição imposta pelo Centro é que todos os assistidos que estão sendo atendidos pelo referido Centro têm por obrigação de frequentar a instituição escolar.

A primeira experiência de P<sub>1</sub> em lecionar para crianças e adolescentes que são entendidos pelo CEVN, não foi com nossos pesquisados. Segundo ela, já teve essa experiência em outra instituição escolar do Município. Sendo assim, procuramos saber como está sendo a experiência atual com os meninos assistidos.

*É uma experiência normal. Eu já trabalhei com eles, já sei as dificuldades deles, onde devo atuar. Sei que eles têm bastante dificuldade na aprendizagem, mas são crianças que requer muito carinho. (P<sub>1</sub>)*

O fato de P<sub>1</sub> já ter lecionado para nossos pesquisados, facilitou a compreensão da mesma em relação às dificuldades apresentadas por eles. A partir do momento que

identifica as dificuldades dos sujeitos, utiliza métodos que facilite a aprendizagem destes. Sendo assim, P<sub>1</sub> compreendeu que esses têm muitas dificuldades na aprendizagem, requerendo muita compreensão para esse processo acontecer.

Uma boa relação entre professor e aluno é importante para que a aprendizagem aconteça de forma mais agradável. A relação entre P<sub>1</sub> e seus alunos é uma relação de amizade, de confiança, mas também de cobrança e de exigência.

*É um a relação de companheirismo, de afeto, de cobrança. Trato eles igual, pra mim não tem diferença, eu não ligo se eles vieram das ruas, do mato, pra mim eles são iguais como qualquer um que está em sala de aula. Eu trato eles como eu trato os outros, na hora de exigir, exijo, na hora de cobrar e na hora de ajudar, cobro e ajudo. (P<sub>1</sub>)*

Observa-se que parece não haver diferença na relação entre a professora e seus alunos. A professora não faz distinção entre os alunos. A relação é a mesma com todos seus educandos, sejam eles ex-moradores de ruas ou não. Neste sentido, buscamos compreender, como é a relação da professora com os pesquisados assistidos, a partir da visão dos educadores do CEVN.

*Eles falam muito bem dela (professora), muito bem mesmo. (E<sub>1</sub>)*

*Os meninos têm uma relação boa com a professora, já Vitória, sempre vieram reclamações da forma que ela trata a professora. (E<sub>2</sub>)*

Tanto na fala anterior de P<sub>1</sub>, quanto na fala dos educadores acima, observa-se que a relação da professora com os assistidos e vice-versa parece ser de harmonia, apesar de, algumas vezes, a instituição receber reclamações da escola a respeito do comportamento de Vitória.

*De uma parte eu fico respondendo a professora, mas ela diz que vai falar com o educador, aí eu parei. (Vitória)*

Vitória parece entender que tem um comportamento que aborrece a professora, mas a partir do momento que se sente ameaçada pela professora, logo procura melhorar sua atitude.



Indagamos a P<sub>1</sub><sup>16</sup> como é a relação dos assistidos pelo CEVN com os colegas de sala e vice-versa. A resposta foi a seguinte:

*É uma relação normal como qualquer outra criança. Sendo que eles [assistidos pelo CEVN] como são mais agressivos, as brincadeiras deles são mais pesadas, já devido à realidade deles não facilitar nada para ninguém. Mas esses três na sala de aula, eles me obedecem, eu chamo a atenção deles quando a brincadeira tá pesada, eles quer (sic) logo partir para a ignorância, mas eles até esse momento dá para levar. (sic)*

Podemos observar na fala acima de P<sub>1</sub> a relação dos alunos do CEVN com os colegas da sala de aula que moram na comunidade; é uma relação normal e crianças e adolescentes, apesar de reconhecer que os assistidos pelo CEVN têm mais agressividade e que suas brincadeiras são mais pesadas, devido ao histórico de violência nas ruas.

Portanto, podemos compreender que a agressividade praticada pelos assistidos contra os colegas de classe é uma forma de proteção, de defesa, pois, por muito tempo viveram nas ruas sem quem os defendessem e sem limites.

Procuramos saber, com a referida professora, se existe algum tipo de preconceito em sala de aula, entre as crianças da comunidade e os assistidos pelo CEVN. Ela respondeu:

*Eles têm uma relação normal de amizade como qualquer outra criança, porque essa relação deles (assistidos pelo CEVN), que é uma relação de risco, mas na sala ninguém lembra disso não, ninguém comenta, ninguém fala disso não. (P<sub>1</sub>)*

Segundo a professora, apesar dos pesquisados terem vindo de uma situação social diferenciada, de risco social, dos demais alunos, estes últimos não têm nenhum tipo de preconceito, nem comentam sobre essa questão em sala de aula. Para averiguarmos tais informações, fizemos a mesma pergunta para os alunos assistidos pelo CEVN, ou seja, se eles acham que alguém em sala de aula, ou na escola tem preconceito por ter vindo das ruas.

*Por uma parte eu acho que sim, mas têm alguns que eu acho que não. Têm pessoas que me olham diferente na escola (Tomaz).*

---

<sup>16</sup>Professora dos assistidos pesquisados. Formada em Pedagogia há 06 anos e com Especialização em Psicopedagogia há 03 anos.

*Têm alguns que é (sic) preconceituoso. Tem pessoa que recebe bem, aqueles que recebem bem, eles dizem que a gente é daqui do sítio e os que não recebem bem, diz que a gente é da FEBEM, mas aqui não é FEBEM, FEBEM é quando a pessoa tá presa (Rodrigo).*

Portanto, apesar da professora afirmar que não há nenhum tipo de preconceito entre os estudantes, segundo os assistidos pelo CEVN, o preconceito existe por parte de algumas pessoas. Durante a entrevista, pode-se observar que esta situação de desigualdade os deixam desmotivados, principalmente quando se referem a eles como os da FEBEM, o que é considerado um tipo de agressão. Para os assistidos, quem se encontra na FEBEM é quem praticou algum delito e foi apreendido, pela polícia, para “pagar” por seu ato. Os assistidos ressaltam que no CEVN eles não estão detidos, mas dispostos a renunciar as drogas e a vida que levavam nas ruas, podendo, enfim, recomeçar uma vida nova junto a suas famílias.

A escola é ambiente social onde ocorrem muitos tipos de violência, sejam elas verbais e/ou físicas. O preconceito entre as pessoas é constante, não respeitam as diferenças culturais, sociais, econômicas, etc. “O maior abuso contra a criança e o adolescente ocorre quando sua personalidade é destroçada, pelo reforço da escola excludente, com sua cidadania tolhida e seus direitos desrespeitados e até aviltados e violados.” (GRACIANI, 2009, p. 139-140).

Através dos depoimentos pode-se afirmar que há uma discriminação velada, e que não é reconhecida pela instituição, mas apontada pelos assistidos. Segundo P<sub>1</sub>, a instituição escolar que recebe os alunos assistidos pelo CEVN, não tem nenhum tipo de planejamento para receber esses alunos.

*Se a escola tem eu não sei te dizer não. Mas eu sei que deve ser o que acontece todos os dias, que a gente trabalhe com eles, sem diferenciar, se ela tem um diferencial pra mim não foi passado não. (P<sub>1</sub>)*

Na fala acima, observa-se que a escola não tem planejamento com os professores para receber esses alunos em sala de aula. Portanto, o professor trabalha como acha que deve ser, ou seja, sem fazer distinção entre os alunos.

Entre os sujeitos dessa pesquisa encontram-se Rodrigo e Tomaz. Eles passaram muito tempo nas ruas e, até ingressarem na Escola Municipal José Maria Bandeira, não frequentaram uma instituição escolar regularmente. Eles estudam em uma sala de aula em que se encontram crianças e adolescentes com idades bem menores que as deles.

Enquanto a idade dos demais alunos varia entre 8 e 12 anos, Rodrigo e Tomaz têm 16 e 15 anos, respectivamente.

Através dessa observação, procuramos compreender se eles se incomodam em estudar em uma sala com alunos bem mais jovens. Rodrigo responde:

*Eu não me incomodo não, mas tem umas pessoas que ficam dizendo: oh praí rapaz! Um menino velho estudando a 2ª série (3º ano), 16 anos, aí eu digo: É melhor estudar que ficar sem estudar, vocês estão na 4ª série (5º ano), mas já passaram pela 1ª e pela 2ª série. Eu posso até passar de vocês.*

Percebe-se o quanto os colegas de escola de Rodrigo tentam diminuí-lo pelo fato de ser mais velho que os demais alunos. Mesmo assim o adolescente afirma não ficar incomodado e retrucar a quem faz tais comentários, que o importante não é a idade e a série, mas sim, o fato de ter voltado a estudar.

Segundo P<sub>1</sub>, nenhum dos assistidos é alfabetizado. Mas o que é alfabetização? O conceito de “alfabetização”, segundo Schwartz (2010, p. 24), “permite múltiplas interpretações, pois, enquanto para alguns, alfabetização significa dar conta da leitura de um pequeno texto, (...) para outros é fundamental a inserção na cultura e nos usos que dela se faz”. Para Tfouni (2010, p. 11), “refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para a leitura, a escrita e as chamadas práticas de linguagem”. A alfabetização, portanto, estaria relacionada à parte mais formal da leitura e da escrita, ou seja, às práticas escolares, e refere-se à habilidade de ler e escrever.

Portanto, existem vários significados para o conceito de alfabetização. Para unsestaria relacionada tão somente com a leitura e a escrita, para outros, para além da relação com a leitura e escrita, alfabetização é fazer uso desse instrumento no seu dia a dia, na sua cultura.

*Alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever. Eles estão em processo, alguns sabem as letras, mas não conhecem as palavras. Tomaz sabe ler mais que os outros, ele se desenvolve melhor. O Rodrigo está chegando agora, quando eu peguei ele não sabia nem fazer o nome, ele agora já chega aqui, me pergunta se acertou o nome todinho e ele acertou. Mas dos três quem demonstra mais habilidade, domínio nas coisas e o Tomaz, o Rodrigo quer, mas ele tem muita dificuldade. O importante é ele querer. (P<sub>1</sub>)*

Observa-se através da fala da professora, que os assistidos estão em processo de alfabetização. Alguns estão mais avançados na leitura que outros, mas todos têm o desejo de aprender e por isso se esforçam.

*Eles têm muito interesse e também muita dificuldade na aprendizagem, na escrita, na leitura, muitas dificuldades. (E<sub>1</sub>)*

*Eles se interessam pelos conteúdos. Eles têm muita dificuldade na forma de assimilar as coisas, são lentos. Nenhum dos três sabe ler. (E<sub>2</sub>)*

Pode-se observar que as falas dos educadores do CEVN estão em acordo com a fala de P<sub>1</sub> quando se refere à aprendizagem dos assistidos. Ou melhor, em todas as falas foi frisada a dificuldade que os assistidos têm na leitura e na escrita, mas também o interesse e a vontade de aprender.

O processo avaliativo, segundo P<sub>1</sub>, é o mesmo para todos seus alunos. Não diferencia o fato dos assistidos terem vindo de uma realidade diferenciada dos demais alunos:

*As avaliações são iguais, eles respondem diante do aprendizado deles, com ou sem dificuldade eles estão respondendo. (P<sub>1</sub>)*

O fato de ter alunos com realidades diferenciadas numa mesma sala de aula não é motivo para P<sub>1</sub> fazer vários tipos de avaliação. A professora utiliza, para todos os alunos, dois tipos de avaliação: a somativa e a contínua.

*Eu trabalho com avaliação contínua, eu não fico só em avaliar através de uma prova, porque a prova quando eles vão responder naquele momento de nervosismo eles esquecem. Eu vou avaliando eles continuamente, todos os dias. (P<sub>1</sub>)*

P<sub>1</sub> leva em consideração o aprendizado do dia a dia de seus educandos, ou seja, o comportamento, a participação, o interesse, etc., utilizando a avaliação contínua. Segundo Rabelo (2003, p.70) “Avaliação contínua é aquela que acontece de forma regular, continuamente, em sala de aula. Não espera chegar ao final de um trabalho para proceder a uma avaliação; ela se dá durante todo o processo de ensino e aprendizagem”.

Rabelo (2003) destaca que a Avaliação Contínua está relacionada com a aprendizagem dos alunos durante todo o processo educativo, não está preocupada em

chegar ao fim de determinado tempo para poder chegar à conclusão de quais conteúdos os alunos aprenderam.

Como mencionado anteriormente, P<sub>1</sub> também utiliza a Avaliação Somativa que, segundo Rabelo (2003):

É uma avaliação pontual, já que, habitualmente, acontece no final de uma unidade de ensino, de um curso, um ciclo ou um bimestre, etc., sempre tratando de determinar o grau de domínio de alguns objetivos previamente estabelecidos. (RABELO, 2003. P. 72).

Neste sentido, a Avaliação Somativa é a realização de várias atividades, em que cada atividade equivale a uma pontuação. Na avaliação somativa a aprendizagem do aluno é medida a partir da soma das notas de todas as atividades.

Os educadores do CEVN afirmam que há um acompanhamento frequente dos assistidos junto à instituição escolar de forma a estabelecer uma relação e a contribuir com o aprendizado dos assistidos.

*Sempre vamos, mas também procuramos estabelecer essa relação de confiança, que eles possam ir e vir e possam ser incluídos como cidadãos de respeito. (E<sub>1</sub>)*

*Os educadores vão à escola para saber como está o comportamento. (E<sub>2</sub>)*

Procurou-se compreender a visão da professora em relação a esse acompanhamento dos educadores do CEVN. Nesse sentido, fizemos duas perguntas a P<sub>1</sub>. Primeiro, se a instituição escolar realizava reuniões de pais e mestres e se os educadores do CEVN as frequentavam.

*Tem reuniões de pais e mestres, mas não é frequente. Mas quando têm, os educadores frequentam e quando não há reunião eu chamo. (P<sub>1</sub>)*

Observa-se que a instituição não realiza reuniões de pais e mestres com muita frequência, mas quando há reuniões os educadores sempre estão presentes. P<sub>1</sub> não espera ter reunião para falar com os educadores, pois se algum dos assistidos estiver dando trabalho, os educadores são chamados para esclarecimento dos fatos/acontecimentos.

Perguntamos a P<sub>1</sub> se os educadores do CEVN fazem visitas à escola com frequência, sem que seja solicitada a sua presença.

*Raramente, eles só vêm quando é algum problema mesmo. (P<sub>1</sub>)*

Assim, apesar desse “desencontro” acerca das visitas ocorrer ou não, percebemos que os educadores do CEVN têm uma boa relação com a escola, uma vez que todas as vezes em que é solicitada a presenças dos educadores do CEVN na escola eles comparecem. Segundo P<sub>1</sub>, os educadores vão à escola apenas quando é solicitada e não regularmente quanto os educadores afirmam.

Sabemos que apenas o ensino em sala de aula não é suficiente para o aluno aprender os conteúdos. É preciso que além dos muros da escola tenha um responsável pelo estudante, que realize a cobrança na aprendizagem.

*A contribuição deles é mais atuante do que de muitos pais. Se precisar eles vêm e eu sinto que eles lá também ajudam, porque as crianças saem daqui com a tarefa de casa e eles lá ajudam a responder, eu escuto muitos deles falando: Tio ajudou. E muitos outros vêm e os pais não têm nem coragem de perguntar se tem tarefa de casa. Eles lá parecem que dão uma ajudinha. (P<sub>1</sub>)*

Segundo P<sub>1</sub>, a contribuição dos educadores na aprendizagem dos adolescentes é mais atuante que muitos pais dos alunos que não são atendidos pelo CEVN. Diz que os educadores ajudam na realização das tarefas propostas para casa, enquanto, muitos pais não têm a preocupação de ajudar seus filhos.

*A gente tem que ir atrás para saber o que tem no caderno, o que foi passado. (E<sub>2</sub>)*

E<sub>2</sub>, em sua fala, afirma que muitas vezes a realização das atividades dos assistidos só é possível se os educadores procurarem saber se tem alguma tarefa que precisa ser respondida.

Procurou-se saber dos entrevistados (educadores e professora) quais sugestões tinham para melhorar a aprendizagem dos alunos assistidos pelo CEVN

*É essa coisa, do professor perceber em que nível está a relação de aprendizagem de cada aluno. Como está sendo esse acompanhamento, esse monitoramento. Poder trabalhar e perceber e vê uma forma para trabalhar essas dificuldades. (E<sub>1</sub>)*

Para E<sub>1</sub>, se a professora, além de procurar saber em que nível de aprendizagem os assistidos pesquisados se encontram, trabalhasse cada dificuldade facilitaria a compreensão dos mesmos nos conteúdos escolares.

*Tentar levá-los para fora, não só ficar no sítio, mas eles têm que sair para Goiânia, Caaporã para fazer qualquer outra coisa. Participação maior da escola. Essas aulas de reforço, que você está fazendo (a pesquisadora), são muito boas. (E<sub>2</sub>)*

Na fala acima, E<sub>2</sub> sugere que para facilitar a aprendizagem dos pesquisados é necessário que os mesmos não fiquem isolados apenas no CEVN, mas que haja atividades fora da comunidade. Sugere também que a escola ofereça mais atenção a situação dos assistidos.

*As escolas ao receberem umas crianças dessas, deveriam ter um bom preparo, principalmente com o educador. Eu vou fazendo o que sei. Devia ter um Projeto para receber uma criança que veio da rua. O que fazer para ele não voltar mais? Eles (os pesquisados) estão nesse Centro (CEVN), mas o Centro não é tudo não. Se uma escola tivesse um jogo, um time, alguma coisa que incentivasse, alguma coisa que ocupasse a mente deles para ele não pensar no vício que eles têm, então seria bom. (P<sub>1</sub>)*

Observa-se que na última fala de E<sub>1</sub>, a educadora sugere que a professora dos assistidos esteja mais atenta às dificuldades apresentadas por eles e trabalhar essas dificuldades. Já P<sub>1</sub>, na fala supracitada, diz que todas as escolas ao receberem alunos que vieram das ruas, deveriam ter um Projeto para saber enfrentar essa situação.

Enfatiza ainda que os professores, principalmente os que lecionam para esses sujeitos, deveriam ser preparados para esta situação específica. Segundo P<sub>1</sub>, nunca teve preparação receber em sala de aula meninos que vieram das ruas.

A falta de planejamento para receber os sujeitos vindos das ruas dificulta o trabalho dos professores em sala de aula. A aprendizagem de menores vindos das ruas teria mais sucesso se a escola trabalhasse os conteúdos a partir da realidade desses sujeitos.

É fundamental observar que experiências são acumuladas com a vida nas ruas - suas histórias de vidas - que a escola ignora ou procura ignorar. Se ela reconhecesse esses saberes, conquistados no abandono, como legítimos, ela seria capaz de fornecer um ensino de qualidade e motivador para seus alunos. Ignorando-os, ela só é capaz de reproduzir conhecimentos não relevantes para suas vidas sociais, empobrecidos da espontaneidade criadora, e desestimulantes para que uma aprendizagem efetiva viesse a ocorrer. (LEITE, s/a, s/p).

O conjunto de experiências obtidas nas ruas pelos menores é uma rica fonte de dados que a escola deve levar em consideração na hora de fazer seu planejamento. Pois, reconhecendo e levando em consideração a quantidade de conhecimento dos menores

adquirida pelo abandono, o ensino seria de melhor qualidade e mais motivador para esses sujeitos.

Se a escola não vê o conhecimento adquirido nas ruas como importante, os menores “(...) consideram que não vale a pena “perder” tempo com um conteúdo escolar desmotivador e distanciado da realidade vivida por eles.” (LEITE, s/a, s/p). Com isso, ficam desmotivados, chegando até a deixar de frequentar a instituição escolar.

Outro aspecto importante que precisa ser mencionado é dos livros didáticos, pois “(...) vários trabalhos têm sido apresentados demonstrando a discriminação e a falta de criatividade neles contidos, levando o aluno a “emburrecer” e ser considerado incapaz de aprender.” (LEITE, s/a, s/p).

A elaboração dos livros didáticos não considera a diversidade cultural presente em nosso país. Deste modo, aqueles que não estão enquadrados dentro da realidade que o livro traz, sentam-se discriminados, concorrendo para o sentimento de incapaz de aprender. Entretanto, entendemos que “(...) aprender é possível para todos, (...) não é somente para alguns privilegiados.” (BEAUCLAIR, 2009, p.106).

**Figura 5 e 6: Assistidos pelo CEVN na aula de reforço**



**Foto: Janaína Medeiros- 15/10/2011**



**Foto: Idem.**

Durante as aulas de reforço realizadas no CEVN, percebeu-se a dificuldade de aprendizagem dos assistidos. Em especial na leitura e na escrita. O fato de eles apresentarem certa dificuldade de aprendizagem, não significa que não são capazes de aprender. Significa apenas que as condições de aprendizagens são distintas, mas que todos têm a mesma capacidade de aprender, só não têm a mesma oportunidade.



## **6- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa intenção com a realização deste trabalho era compreender como acontece o Processo de Ensino e Aprendizagem de crianças e adolescentes ex-moradores de ruas. Desta forma, procuramos estabelecer uma aproximação entre pesquisador e pesquisado, gerando uma relação de confiança entre ambos.

A necessidade e a importância de conhecer o campo de pesquisa são fundamentais para que a pesquisa seja realizada com êxito. Neste sentido, a aproximação com nosso campo de pesquisa nos facilitou compreender as necessidades de cada sujeito.

Foram abordados os conceitos: Educação, Educação Social, Educação Popular, Pedagogia Social e Pedagogia Social de Rua. São processos que possuem suas intencionalidades voltadas para o público mais necessitado, muitas vezes demandando métodos e profissionais específicos, como é o caso da Pedagogia Social de Rua que, para acontecer, é necessária a presença de um Educador Social de Rua.

O envolvimento deste educador com a realidade dos menores de ruas é fundamental para que o educador social compreenda melhor o público que se pretende trabalhar. Além do envolvimento é preciso gostar da temática. Nas falas dos Educadores Sociais de Ruas entrevistados foi possível identificar a realização profissional dos mesmos.

Infelizmente a desigualdade social tem ocasionado a miséria em muitas famílias. Causando, em muitos casos, a desestabilização familiar, levando grande número de crianças e adolescentes às ruas. Na maioria das vezes, são condicionados a entrarem no mundo das drogas e do crime. Assim, têm sua infância ou adolescência destruídas.

Nas ruas e nas praças, os menores vão à procura do que até então não encontraram em casa, isto é, “acolhimento”, “paz” e “liberdade”. Mesmo percebendo que as ruas não têm muita coisa a oferecer, os menores preferem as ruas que retornarem para seus lares. A violência e a discriminação são ações que, frequentemente, fazem parte do cotidiano dos menores de e na rua.

Na maioria das situações, como é o caso de dois dos nossos pesquisados, são crianças ou adolescentes que, antes de irem para as ruas, já haviam frequentado uma instituição escolar. A partir do momento que suas idas às ruas começaram a ser mais frequentes e demoradas, logo deixaram de frequentar as aulas.

Por outro lado, quando um menor tem a chance de ser atendido por uma instituição social que vise como regra principal, a permanência deste sujeito, o retorno à

instituição escolar, como é o caso do CEVN, é uma forma de mostrar para os menores que a educação é o caminho para avançar na direção certa, na realização pessoal.

O retorno de crianças e adolescentes de ruas à escola é sempre repleto de preconceito pelo público escolar, são mal vistos. Neste sentido, a aprendizagem desses menores é dificultada em virtude de a escola que os recebem não ter um planejamento adequado à sua realidade. Isto é, a escola não realiza atividades, ações que condizem com a realidade desses indivíduos. Com isso, são obrigados a se enquadrarem no modelo de aprendizagem imposto pela escola.

Identificamos que, apesar de a escola não ter um planejamento específico para quem vem de uma situação (ruas) diferenciada dos demais alunos, esses menores, mesmo com muitas dificuldades, conseguem acompanhar os conteúdos escolares. E assim, obtendo sucesso no final do ano letivo, conseguem ser aprovados.

Os pesquisados estão em processo de alfabetização, uns acompanhando mais que outros, mas todos com o mesmo objeto: ir além da alfabetização. Apesar da força de vontade, os pesquisados enfrentam muita dificuldade neste processo.

## REFERÊNCIAS:

BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida. A Hermenêutica-Dialética na Pesquisa-Ação em Extensão Popular. In: BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida; PALHANO, Tânia Rodrigues (Orgs.). **Educação, Extensão Popular e Pesquisa: metodologia e prática**. João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2011.

BEAUCLAIR, João. **Para entender Psicopedagogia: Perspectivas atuais, desafios futuros**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Wark, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A questão política da Educação Popular**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 20).

CARVALHO, Nanci Valadares de. **Autogestão: O Nascimento das ONGs**. 2ª edição (ver.). São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Jovens Resgatados: Vida Nova Para Quem Sai Das Ruas**.

Disponível em: [http://www.pernambuco.com/diario/2002/12/30/especialjovens8\\_0.html](http://www.pernambuco.com/diario/2002/12/30/especialjovens8_0.html)  
Acesso em: 01/10/2011.

FAGALI, Eloísa Quadros; VALE, Zélia Del Rio do. **Psicopedagogia Institucional Aplicada: A aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula**. 10 edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. 2ª edição. Brasília:UNESCO/MEC, 2008.

FERNANDES, Rubem César. O que é Terceiro Setor?In: IOSCHPE, Evelyn Berg(org.).**3º Setor: Desenvolvimento Social Sustentado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002- (coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 8ª edição. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Prefácio*. In: GRACIANI, Maria Stela S.**Pedagogia Social de Rua: Análise e sistematização de uma experiência vivida**. Instituto Paulo Freire. 6ª edição.São Paulo: Cortez, 2009.

GRACIANI, Maria Stela S. **Pedagogia Social de Rua: Análise e sistematização de uma experiência vivida**. Instituto Paulo Freire. 6ª edição.São Paulo: Cortez, 2009.

GRUPO RUAS E PRAÇAS. **No meio da Rua:** Resgatando Sonhos, Desejos e Construindo Cidadania - *Síntese de uma Prática Educativa com Crianças e Adolescentes*. Recife, 1998.

IBGE. População/Caaporã. 2010.

Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250300>

Acesso em: 17/01/12

ITURRA, Raul. **O Processo Educativo:** Ensino ou Aprendizagem.

Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC1/Iturra.pdf>

Acesso em: 27/02/2012

KAY, Márcia. **Concepções e práticas de educação popular na América Latina:** perspectiva freiriana. *Cadernos de Pós-Graduação*, São Paulo, 2007.

LEITE, Lígia Costa. **É possível a volta para a escola.**

Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/er/n15/n15a08.pdf>

Acesso em: 07/03/1012

LIMA, Lúcia Santos de. **A história de Caaporã.** 2003.

MANFREDI, Silva M. A Educação Popular no Brasil: uma releitura a partir de Antonio Gramsci. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A questão política da Educação Popular**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1980.

MENEZES, Deise Matos do Amparo, BRASIL, Kátia Cristina. **Dimensões psíquicas e sociais da criança e do adolescente em situação de rua.**

Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279721998000200011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279721998000200011&script=sci_arttext)

Acesso em: 04/11/2011

MOREIRA, Marco Antonio. Aprendizagem Significativa Crítica. 2000

Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigcritport.pdf>

Acesso em: 27/02/1012

NETO, José Francisco de Melo. O que é popular? In: BRENNAND, Edna Gusmão de Góes (org.). **O Labirinto da Educação Popular**. João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2003.

ONG RUAS e PRAÇAS.

Disponível em: <http://www.ruasepracas.org/index.php/quem/historia>

Acesso em 10/01/201

PAIVA, Vanilda. Estado e Educação Popular: recolocando o problema. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A questão política da Educação Popular**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PIMENTA, Sonia de Almeida. **Educação em saúde:** um estudo de caso na prevenção da AIDS. [Tese de Doutorado] Campinas, 2003.

RABELO, Edmar. **Avaliação**: Novos tempos, novas práticas. 6º Edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. **Profissão**: Educador Social. Tad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SCHWRTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos**: Teoria e Prática. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Isabel de Oliveira e. **Educação Infantil no Coração da cidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Rosa da. **SALAS MULTISSERIADAS E A PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA JOSÉ MARIA BANDEIRA**: uma possibilidade para a educação do campo? [Monografia de Graduação-Pedagogia do Campo-PRONERA] João Pessoa, 2011.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa**: Técnicas e Procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TENÓRIO, Fernando G. **Gestão de ONGs**: Principais Funções Gerenciais. 10ª edição. Rio de Janeiro: FGV. 2006.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9ª edição. São Paulo: Cortez, 2012. –(Coleção questões da nossa época; v.15).

WANDERLEY, Luis Eduardo W. Educação Popular e processo de democratização. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A questão política da Educação Popular**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# APÊNDICE

**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ASSISTIDOS PELO CEVN****Roteiro1**

Nome/idade? Em que o pai e a mãe trabalham?

Você tem quantos irmãos? Todos moram na mesma casa? Você foi o único dos filhos a morar na rua?

Qual o motivo que você fugir de casa a primeira vez? Quanto tempo ficou fora de casa?

O lugar que você ficou era distante de casa?

Quando você chegou em casa o que seus pais disseram?

Foi difícil o tempo que você passou nas ruas?

Você se arrependeu? Se sim, porque não voltou para casa?

Como foi para você se alimentar, se vestir, tomar banho, o tempo que você ficou nas ruas?

Com você se sustentava? Você trabalhava em algum lugar?

E você fazia para dormir? Tinha medo que alguém fizesse alguma coisa com você enquanto dormia?

Porque você sempre voltava para as ruas?

Alguma vez, algum parente seu foi onde você estava para tentar te levar para casa?

Qual a melhor e a pior coisa de está nas ruas? Existe?

Você já foi atendido por outro grupo de educadores sem ser os do Grupo Ruas e Praças?

Como foi a primeira vez que você chegou no CEVN? Como é a vida no CEVN e como você se sente nesta Instituição?

Faz quanto tempo que você está no CEVN?

Desde que você chegou no CEVN, já teve vontade de voltar para casa ou para rua?

Você estudava no Recife antes de ser atendido pelo CEVN? Se sim, se arrepende de ter deixado de frequentar a escola?

Você gosta de estudar?

Você se sente bem na escola? Você acha que alguém tem preconceito por vocês terem vindo da rua?

Você se incomoda estudar numa sala onde os alunos são mais jovens que você?

Você tem muitas dificuldades em entender o que a professora está explicando?

Qual seu sonho?

O que você quer ser quando crescer? Qual profissão?

Como seria se você voltasse para casa e tivesse vontade de voltar para a rua? Você procuraria os educadores para voltar para o CEVN?

Já usou algum tipo de drogas?

Tem revolta de alguma coisa?



**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS EDUCADORES DO CEVN****Roteiro 2**

Formação profissional?

Já trabalhou em outra instituição social?

Como é trabalhar em ações sociais?

Para você, como é trabalhar com crianças e adolescentes com histórias tão diversas?

Quanto tempo faz que você trabalha no CEVN?

Qual a sua atuação no CEVN?

Como é a sua relação com essas crianças e adolescentes?

Qual situação mais te comoveu?

Você se sente realizado trabalhando no CEVN?

O que os assistidos pelo programa acha das atividades realizadas no CEVN e na escola?

Como é relação das crianças e adolescentes assistidas pelo programa com as outras crianças e adolescentes e com a comunidade em geral?

As crianças e adolescentes têm resistência em permanecer no CEVN?

Como é feito o acompanhamento escolar?

Qual a sua avaliação sobre a condição escolar dessas crianças?

Eles se interessam pelo conteúdo escolar?

Como é o relacionamento deles com a professora?

Quais as principais dificuldades que eles apresentam?

O que você sugere para melhorar as condições de aprendizagem dessas crianças?

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A PROFESSORA DOS ASSISTIDOS**

### **Roteiro3**

Perfil Profissional:

Já ensinou outras crianças em situação de risco social?

Como está sendo sua experiência com estas três crianças em situação de risco?

Como é a relação das outras crianças da sala de aula com as crianças assistidas pelo CEVN?

Como você vê a relação destas três crianças com a turma?

Como é feito o acompanhamento das crianças em geral e estas em particular pela escola?

Os educadores do CEVN frequentam as reuniões de pais e mestres? (se tiver)

Os assistidos são alfabetizados?

Existe avaliação diferenciada?

Como é feita a avaliação nesta turma?

A escola tem algum tipo de planejamento para receber esses alunos?

Como os educadores do CEVN contribuem com o professor da sala de aula?

O que você sugere para melhorar a condição de aprendizagem destas crianças?

Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar que você não falou?